



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI



Universidade Federal
de São João del-Rei

Thais Maria Santos

**RESGATE E IDENTIDADE: A GABIROBA COMO
MEMÓRIA AFETIVA DE RITÁPOLIS**

São João Del Rei, 2023

**RESGATE E IDENTIDADE: A GABIROBA COMO MEMÓRIA
AFETIVA DE RITÁPOLIS**

AUTORA: THAIS MARIA SANTOS

SÃO JOÃO DEL REI, 2023

THAIS MARIA SANTOS

**RESGATE E IDENTIDADE: A GABIROBA COMO MEMÓRIA
AFETIVA DE RITÁPOLIS**

Dissertação de Mestrado pelo Programa Interdepartamental de Pós Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

Nível: Mestrado

Linha 2: Processo de Difusão: Popularização, Educação e Aplicabilidade

Orientadora: Dr^a Márcia Saeko Hirata

Coorientador: Dr Sérgio Gualberto Martins

São João Del Rei, 2023

Nome: SANTOS, Thaís Maria

Título: Identidade e Resgate: A Gabiroba como Memória Afetiva de Ritópolis.

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São João Del Rei para obtenção do título de Mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Profª. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profª. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profª. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus pelas oportunidades e bênçãos recebidas ao longo dessa jornada.

À Universidade Federal de São João Del Rei e à CAPES pela bolsa de estudos que me foi concedida, e ao Programa Interdepartamental de Pós-Graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) pelo apoio e recursos ao longo do caminho. Sem a ajuda dessas instituições, esta pesquisa não seria possível.

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus pais, Maria da Consolação Argamim Santos e Jeovane de Oliveira Santos, por seu amor, apoio incondicional e dedicação pela minha educação. Eles sempre foram meus alicerces e exemplos de vida. Suas presenças constantes foram fundamentais para que eu pudesse seguir em frente com esta pesquisa.

Ao meu companheiro, Diego, agradeço por sua parceria, cumplicidade e apoio durante todo o processo. Suas contribuições e incentivos foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios e alcançar meus objetivos.

Ao meu irmão, Gian, e sua esposa, Luciana, pelo apoio e incentivo que sempre me proporcionaram.

À minha orientadora, Dra. Márcia Saeko Hirata, pelos ensinamentos valiosos, pela paciência, dedicação e por manter minha motivação durante todo o processo de pesquisa. Seus conselhos, colaborações e avaliações formativas foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

Ao meu coorientador, Dr. Sérgio Gualberto Martins, agradeço pelo apoio, dedicação e colaborações. Suas contribuições enriqueceram a pesquisa e me ajudaram a superar alguns dos desafios mais difíceis.

À todos os professores e professoras do PIPAUS pela dedicação e pelas valiosas trocas de conhecimento nas disciplinas maravilhosamente ministradas. Essas interações foram essenciais para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Agradeço também a colaboração de muitos "Gabiobas" que cederam fotos e expressaram apoio para esta pesquisa.

Aos meus colegas, pelo companheirismo, apoio e trocas de conhecimento.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os professores, doutores, pesquisadores e funcionários do PIPAUS e da UFSJ pela dedicação diária que permite o funcionamento de nossa instituição. Seus esforços são fundamentais para que possamos ter um ambiente acadêmico e de pesquisa tão rico e produtivo.

RESUMO

SANTOS, Thaís Maria. Identidade e Resgate: **A Gabiroba como Memória Afetiva de Ritópolis**. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade) - Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2023.

A Gabiroba é uma fruta típica de Ritópolis e muito valorizada pelos moradores, que se autodenominam "Gabiobas". A fruta é uma parte importante da história e da memória afetiva dos ritapolitanos. No entanto, a urbanização, que se expande sobre o rural, impermeabiliza o solo e dissemina o descarte de lixo nas matas ao redor, pode levar à perda dessa identidade cultural. Para preservar a espécie na região e manter a cultura viva na cidade, é necessário agir em prol da sustentabilidade ambiental e cultural.

Assim sendo, foram criadas esculturas simbólicas e desenvolvido o aplicativo Gabiroba Viva, contribuindo para o resgate da memória afetiva e conservação das espécies *Campomanesia xanthocarpa* e *Campomanesia pubescens* O. Berg, conhecidas popularmente como Gabiobas.

Palavras-chave: Gabiroba, Ritópolis, Memória Afetiva, Cultura Popular, Preservação da Gabiroba.

ABSTRACT

SANTOS, Thaís Maria. Identidade e Resgate: **Gabirola as an affective memory of Ritópolis**. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade) - Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2023.

The Gabirola is a typical fruit from Ritópolis and highly valued by its residents, who call themselves "Gabirolas." The fruit is an important part of the history and emotional memory of the people of Ritópolis. However, urbanization, which encroaches upon rural areas, leads to soil sealing and the widespread disposal of waste in the surrounding forests, which can result in the loss of this cultural identity. To preserve the species in the region and keep the culture alive in the city, it is necessary to take action in favor of environmental and cultural sustainability.

Consequently, symbolic sculptures have been created and the Gabirola Viva app has been developed, contributing to the recovery of emotional memory and the conservation of the species *Campomanesia xanthocarpa* and *Campomanesia pubescens* O. Berg, popularly known as Gabirolas.

Keywords: Gabirola, Ritópolis, Emotional Memory, Popular Culture, Gabirola Preservation.

Lista de ilustrações

Figura 1 – A estação de Santa Rita em 1925	17
Figura 2 – A estação em 1976.....	18
Figura 3 – A estação em 09/2007.....	18
Figura 4 – Linha do tempo de Ritápolis	19
Figura 5 – Fotografia de flores de Gabiroba com o centro de Ritápolis ao fundo	22
Figura 6 – Oficina Viva de Bordado. Projeto Gabirobinhas/ Semana Santa Atitude Cultural 2010. São João Del Rei	24
Figura 7 – Aplicativo Rádio Gabirobas FM	24
Figura 8 – Foto da Rádio Gabirobas FM, localizada na rua: Maria Virgínia da Paixão, 262-Ritápolis.....	25
Figura 9 – Fotografia: Arraial dos Gabirobas	26
Figura 10 – Certificado assinado pelo Padre Geraldo Magela da Silva	27
Figura 11 – Praça Tiradentes em 10/01/2023, centro de Ritápolis, monumento em homenagem a Tiradentes fundado em 1972	27
Figura 12 – Ruínas da fazenda do Pombal	28
Figura 13 – Gabirobeiras em matas nos arredores de Ritápolis.....	31
Figura 14 – Comparação do tamanho das Gabirobas de Gabirobeiras arbóreas (frutas maiores) e arbustivas (frutas menores).....	32
Figura 15 – Árvore da Gabiroba (Gabirobeira) de aproximadamente 1,5 m em matas nos arredores de Ritápolis.....	35
Figura 16 – Floração da Gabirobeira em matas nos arredores de Ritápolis	37
Figura 17 – Gabirobas recém colhidas em matas nos arredores de Ritápolis.....	37
Figura 18 – Poupa de Gabirobas recém colhidas em matas nos arredores de Ritápolis.....	38
Figura 19 – Sementes de várias espécies de Gabiroba	39
Figura 20 – Mudanças de Gabiroba.....	39
Figura 21 – Suco da poupa da Gabiroba rico em complexo B, vitamina C, Niacina	41
Figura 22 – Imagens aéreas de Ritápolis.....	41
Figura 23 – Plantações de uvas registradas em quintal de um morador de Ritápolis em 2022	42
Figura 24 – Bananeiras registradas em quintal de um morador de Ritápolis em 2023.....	43
Figura 25 – Quintal de um morador de Ritápolis registrado em 2023	44

Figura 26 – Plantações de espécies variadas e uma jabuticabeira em quintal de uma moradora de Ritápolis registrado em 2023	45
Figura 27 – Quintal de uma moradora de Ritápolis registrado em 2023.....	45
Figura 28 – Conjunto de fotos do design do Aplicativo Gabiroba Viva	48
Figura 29 – Desenho Gabirobas	53
Figura 30 – Esculturas Lindsay Feuer	54
Figura 31 – Esculturas Lindsay Feuer	54
Figura 32 – Ladrilho Susan Beiner	56
Figura 33 – Escultura Susan Beiner	56
Figura 34 – Desenho editado de uma Gabirobeira.....	57
Figura 35 – Tronco das árvores sendo construídos e abertos para receber a modelagem dos galhos	62
Figura 36 – Modelagem das folhas e flores de Gabiroba	62
Figura 37 – Gabirobeira já modelada e seca em “ponto de osso” termo técnico para definir a escultura em argila seca pronta para ser biscoitada.....	63
Figura 38 – Esculturas biscoitadas em baixa temperatura.....	64
Figura 39 – A escultura de Gabirobeira representa algumas das ruas de Ritápolis, tendo em vista a grande quantidade de ruas presentes na cidade, foram escolhidas uma ou duas ruas de cada bairro de forma aleatória para a representação	65
Figura 40 – Foto da segunda Gabirobeira representando o nome das Ruas.....	66
Figura 41 – Escultura de Gabirobeira apenas com o nome Ritápolis no tronco.....	67
Figura 42 – Escultura Gabirobeira representado os Bairros e alguns dos Povoados de Ritápolis. Desta forma os bairros são: Centro, Nova Cidade, Cássia, Várzea, Tiradentes e Fátima. Enquanto os povoados: Penedo, Prainha, Ramos e Monte Pio ..	68
Figura 43 – Segunda Gabirobeira representando Bairros e alguns Povoados de Ritápolis.....	69
Figura 44 – Matas com vestígio de queimadas registrado em 2022	78
Figura 45 – Gabirobeira na mata registrado em 2021	78

Lista de mapas

Mapa 1 - Localização da cidade de Ritópolis no mapa de Minas Gerais.....	20
Mapa 2 - Mapa do território de Ritópolis em divisa com as cidades vizinhas.....	21
Mapa 3 - Território de Ritópolis e o distrito-sede.....	22
Mapa 4 - Locais identificados de ocorrência natural de “guaviroveira”(<i>Campomanesia xanthocarpa</i>), no Brasil.....	33
Mapa 5 - Mapa de localização dos biomas em relação aos limites das Unidades Federativas.....	34

Lista de siglas

BESM	Modelo Brasileiro de Sistema Terrestre
COP21	21ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas
CO2	Dióxido de carbono
Deced	Departamento de Ciências da Educação
EFOM	Estrada de Ferro Oeste de Minas
Flona	Floresta Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
ONG	Organização Não Governamental
PANC	Plantas Alimentícias Não Convencionais

Sumário

Introdução.....	13
Capítulo 1: Introdução à história de Ritápolis	15
1.1 A necessidade de um Centro.....	16
1.2 Ritápolis e a relação com a Gabiroba.....	22
1.3 As Gabirobinhas.....	23
1.4 Rádio Gabirobas FM – 104.9 FM	24
1.5 Arraial dos Gabirobas.....	25
1.6 Outras referências da Gabiroba dentro do saber popular em Ritápolis.	26
1.7 Conclusão	29
Capítulo 2: Gabirobeira – A espécie popular de Ritápolis	29
2.1 Características da Gabirobeira	35
2.2 A Gabiroba na medicina popular.	40
2.3 A Tradição das hortas e quintais em Ritápolis e a inclusão da Gabiroba.	41
2.4 Conclusão	49
Capítulo 3: A Gabiroba como Símbolo de Ritápolis.....	49
3.1 Gabiroba em Ritápolis: uma história cultural e ambiental retratada pela arte.	50
3.2 A Aura Artística da Gabiroba e a democratização da arte.	58
3.3 Produção das Esculturas	61
3.4 Conclusão	71
Capítulo 4 - Impactos ambientais e a preservação da Gabiroba: desafios e oportunidades para a conservação da espécie.....	71
4.1 Relação Entre O Colapso Ambiental e O Antropoceno	74
4.2 Conclusão	79
5 Conclusão Geral.....	79
6 Referências Bibliográficas	81

Introdução

Muito se discute sobre a importância da reconexão entre o ser humano e a natureza, principalmente no cenário atual, em que cerca de 6 bilhões de toneladas de dióxido de carbono são despejadas na atmosfera, comprometendo cada vez mais a camada de ozônio (GLOBAL PROJECT, BBC, 2021). Obviamente, esses gases de efeito estufa comprometem a vida de todas as espécies no planeta Terra. Além das emissões desenfreadas de dióxido de carbono, lidamos ainda com o desmatamento, focos de incêndio, lixo de diversas fontes, entre outros.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o ano de 2022 bateu recorde até agora de focos de incêndio no cerrado, com 20.095 pontos de incêndio registrados somente dentro desse bioma. Esse número é superior aos pontos de incêndio registrados em outros biomas, comprometendo a biodiversidade do cerrado, que possui mais de 330 mil espécies de plantas e animais (WWF Brasil, 2022).

Nessa pesquisa intitulada Identidade e Resgate da Gabiroba como Memória Afetiva de Ritópolis, realizada na linha de pesquisa 2: Processo de Difusão, Popularização, Educação e Aplicabilidade do *Programa Interdepartamental de Pós-Graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade*, serão estudadas duas espécies endêmicas do cerrado: *Campomanesia pubescens* O. Berg e *Campomanesia xanthocarpa*, ambas do mesmo gênero da fruta conhecida popularmente como Gabiroba. Os nomes da fruta variam de acordo com a região e o estado, como será mostrado no capítulo dois.

O interesse em estudar essa espécie surgiu devido à sua grande popularidade na cidade de Ritópolis, onde cresci, a ponto dos moradores se denominarem "Gabirobas" e serem conhecidos por esse apelido nas cidades vizinhas. No capítulo um, será explorada a relação da população com a fruta Gabiroba e a identidade popular que se desenvolveu em torno da história desse pequeno município de Minas Gerais.

O estudo da espécie foi cuidadosamente combinado com o propósito de comunicar a população sobre a relevância da preservação da Gabiroba, estabelecendo uma conexão significativa entre os habitantes de Ritópolis e sua identidade cultural, bem como com a conservação da fruta Gabiroba em seu habitat natural.

De acordo com Capra (1996), que defende a "visão sistêmica" da vida, a Terra é como uma rede, um sistema onde todos os seres vivos e os elementos fazem parte de um todo.

Reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais podemos satisfazer nossas aspirações e nossas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras. Para realizar essa tarefa, podemos aprender valiosas lições extraídas do estudo de ecossistemas, que são comunidades sustentáveis de plantas, de animais e de microorganismos. (CAPRA, 1996, p.231)

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo investigar a importância da Gabiroba para a flora e fauna em Ritápolis, considerando o ser humano como mais uma espécie integrante da "rede" e não como algo à parte, uma vez que dependemos da natureza para sobreviver. De acordo com Capra, reconhecendo a necessidade de proteger a natureza e entendendo que não vivemos sozinhos, devemos considerar a criação de comunidades sustentáveis.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, um dos principais obstáculos encontrados foi a falta de um registro oficial que comprovasse a existência da identidade popular da "Gabiroba" em Ritápolis. Diante disso, no Capítulo 1, transformamos este obstáculo em uma oportunidade para dar voz a essa cultura popular, enfatizando a associação, a rádio da cidade e os eventos culturais conhecidos como "Gabiroba". Além disso, realizamos uma pesquisa sobre a história da cidade para criar uma ponte com a forte conexão dos cidadãos com a cultura popular relacionada à Gabiroba.

Além disso, no Capítulo 3, apresentaremos produções artísticas que acompanham a pesquisa, com o objetivo de unir a Gabiroba como parte do meio natural e do povo ritapolitano. Essas produções incluem esculturas de Gabirobeira em cerâmica, que conciliam conceitos filosóficos de autores como Henri Lefebvre e Walter Benjamin. O principal objetivo dessas esculturas é criar um registro artístico visual da cultura popular e uma sugestiva provocação para proteger a espécie da Gabiroba, principalmente em Ritápolis. As esculturas ficarão expostas nas bibliotecas das escolas do município, acompanhadas de uma descrição com informações simples sobre a espécie da Gabiroba e sua importância na cultura popular. Além disso, um aplicativo foi desenvolvido e está disponível para dispositivos android, contendo informações sobre as propriedades da fruta, formas de cultivo e, claro, sua presença

como cultura popular do povo ritapolitano. Com fácil usabilidade e inclusivo, qualquer pessoa poderá baixar o aplicativo, ler as informações e seguir o passo a passo de como plantar uma Gabirobeira. A exposição das obras nas bibliotecas das escolas é importante para que estudantes de todas as idades tenham acesso à informação e história da própria cultura local.

Por fim, no Capítulo 4, diante da necessidade de falar sobre emergências climáticas e colapso ambiental, serão apresentados dados sobre o cenário atual e os riscos e impactos, tanto atuais quanto futuros, que o planeta sofrerá caso as emissões de carbono e outras formas de poluição não sejam reduzidas. Riscos que afetarão todo o planeta, incluindo cidades pequenas como Ritápolis, podendo afetar sua identidade relacionada a uma espécie que não é facilmente cultivável.

Krenak (2020) em uma metáfora reflexiva, cita a importância de respeitar a natureza como a nós mesmos ao invés de simplesmente recolher de forma predatória os recursos naturais para nossa própria vaidade, considerando que em nosso próprio corpo possuímos os mesmos elementos que compõem a vida na Terra:

Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo num muno à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. (KRENAK, 2020, p.69 a 70)

No Brasil, o desmatamento e os focos de incêndio nos Biomas do Cerrado e Mata Atlântica colocam em risco diversas espécies da fauna e da flora, incluindo a nossa Gabiroba. Isso faz com que reflitamos, de acordo com o pensamento do autor, sobre qual caminho queremos trilhar enquanto seres humanos.

Capítulo 1: Introdução à história de Ritápolis

Antes de sua emancipação em 1963, Ritápolis era conhecida como Vila de São Sebastião do Rio Abaixo. Desde o surgimento da vila, por volta do século XVIII, ela já foi palco de eventos importantes que fazem parte da história do Brasil, como o nascimento de Joaquim da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes, em 12 de novembro de 1746. No entanto, a data mais antiga registrada da vila é a do batismo de

Domingos da Silva Xavier, irmão mais velho de Tiradentes, ocorrido em 25 de julho de 1738.

Através da data de batismo de Domingos da Silva Xavier, podemos ter uma noção do período em que a Vila de São Sebastião do Rio Abaixo surgiu e dos fatores que levaram à povoação desta e das demais vilas pertencentes à região de Minas Gerais. A exploração do ouro e outros minerais foi um dos principais motivos para a colonização da região, e este contexto histórico será abordado ao longo deste capítulo.

Conforme apontado por Zemella (1951, p. 45), a descoberta do ouro na capitania de Minas Gerais em 1698 foi um marco decisivo para a imigração para a região. O "grito do ouro" atraiu indivíduos de diversas nacionalidades para explorar as minerações da região, impulsionando o surgimento de vilas e o desenvolvimento da agropecuária. No entanto, durante o processo de exploração do ouro e imigração, a região enfrentou vários conflitos e leis restritivas que dificultaram o povoamento e a autonomia dos moradores locais. Segundo Zemella (1951), o governo português implementou medidas restritivas, como a proibição da abertura de novos caminhos e picadas, bem como a expulsão de grupos sociais que não condiziam com as leis portuguesas. Tais ações visavam controlar a população e evitar a fuga de ouro, o que gerou tensões entre as autoridades e os habitantes locais. Desta forma, a implementação dessas leis e ações restritivas gerou conflitos territoriais, como disputas entre os moradores e diferentes grupos sociais pelo controle das áreas de mineração. Ademais, os povos indígenas locais resistiram à ocupação de seus territórios e foram alvo de perseguição por parte das autoridades coloniais.

1.1 A necessidade de um Centro

A região de Ritópolis é rica em minérios de ferro, ouro, columbita e cassiterita (IBGE, 2021). Atualmente, há exploração de minérios no povoado de Penedo, na zona rural da cidade. E atualmente é possível observar vestígios da exploração do solo para a busca de pedras preciosas na entrada da cidade. Até a segunda metade do século XX, a extração de minério era a principal fonte de renda das famílias ritapolitanas. Devido à riqueza do solo em pedras preciosas, Ritópolis, antes de sua emancipação, surgiu como um pequeno centro denominado São Sebastião do Rio Abaixo. O povoado era rodeado por fazendas que exploravam a agropecuária e, com o surgimento do centro,

foi construída uma capela dedicada a São Sebastião. Essa mesma capela, onde ocorreu o batismo de Domingos da Silva Xavier em 1738, foi reformada e descaracterizada por um acréscimo frontal em 1918, sendo atualmente conhecida como Paróquia de Santa Rita de Cássia, padroeira de Ritópolis. Segundo a história popular, na reforma, estava sendo preparado um novo altar para São Sebastião, mas os moradores da vila presentearam a capela com a imagem de Santa Rita de Cássia e, assim, a vila passou a ser conhecida como Santa Rita do Rio Abaixo (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS, 2020).

Muito antes de o povoado receber o nome Santa Rita do Rio Abaixo, em 1887, ele recebeu o nome de Ibitutinga (Figuras 1, 2 e 3), devido à estação ferroviária que foi construída e inaugurada no mesmo ano. Assim, o nome Ibitutinga ficou referenciado à antiga vila de São Sebastião do Rio Abaixo. Neste sentido, Ritópolis, antes de receber o reconhecimento de cidade, obteve os nomes respectivos: São Sebastião do Rio Abaixo, Ibitutinga e Santa Rita do Rio Abaixo.

Figura 1 – A estação de Santa Rita em 1925



Fonte: (autor desconhecido)

A estação Ibitutinga (fig. 1), foi inaugurada em 1887. O nome atual “Santa Rita” veio anos mais tarde. O tráfego cessou em junho de 1983 e a estação foi fechada. Em dezembro de 1984, a linha da antiga EFOM foi finalmente erradicada. Em 2016 estava servindo como moradia, mas o prédio já estava bem deteriorado (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS, 2020).

Figura 2 – A estação em 1976



Fonte: Acervo Douglas Nascimento

Figura 3 – A estação em 09/2007



Fonte: Jonas Augusto M. de Carvalho

O trecho abaixo é um fragmento de uma pesquisa realizada em 1942, quando a antiga vila de São Sebastião do Rio Abaixo já teria sido renomeada para Santa Rita do Rio Abaixo, contendo os nomes das estradas ferroviárias existentes na época e fatos históricos.

Fontes merecedoras de crédito nos dão notícia do cruzamento de duas estradas, uma que ligava Goiás ao Rio e outra que vinha do Sul da antiga

província em direção ao Norte, por onde passavam tropeiros, procedentes de outras regiões. Esses primeiros habitantes construíram no local pousadas, onde descansavam de longas e penosas jornadas. Aos poucos, foram construindo ranchos de sapé e alguns deles lá permaneciam e se fixaram, dando início ao aparecimento do antigo arraial de São Sebastião do Rio Abaixo. Esses fatos se deram, conforme a publicação 'As Vilas del Rei e Cidadania de Tiradentes'. No 3º decênio do século XVIII, a primeira referência documentada, do povoado de Santa Rita do Rio Abaixo, encontramos-la no batismo de Domingos, irmão mais velho de Tiradentes, ocorrido em 25 de julho de 1738. Relata-nos o Padre José Fernandes de Barros (fato curioso), em 24 de junho de 1773, que, além do batizado de Domingos, em 1738, havia no livro de assentamento de batizados vários outros batizados, anteriores a 1738, ocupando as cinquenta e tantas páginas. Isso nos permite fazer conjecturas sobre a existência da 1ª Capela de Santa Rita do Rio Abaixo, talvez no 2º decênio do ano de 1738. A Paróquia de Santa Rita do Rio Abaixo foi criada em 28/04/1854 pela Lei Mineira nº 669, e o distrito, segundo nos parece, em 1889. O distrito permaneceu com o nome de Santa Rita do Rio Abaixo até que adquiriu foros de município e cidade pela Lei 2.764, de 30/12/1962, passando então a denominar-se, nesta ocasião, Ritápolis. Anteriormente, tinha o nome de Ibitutinga por força da Lei nº 843, de 07/09/1923 e o de Santa Rita do Rio Abaixo por força do decreto Lei nº 148, de 17/12/1938.

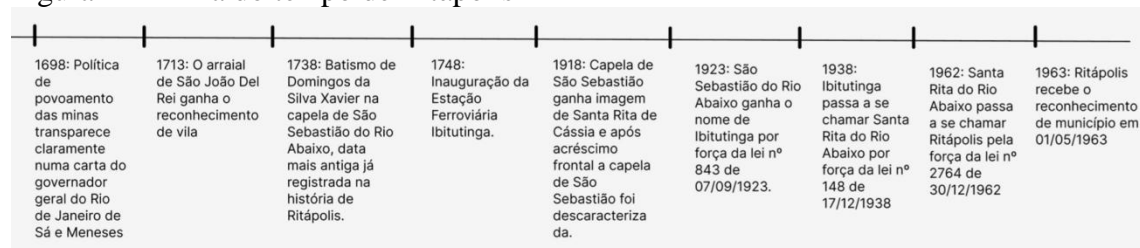
'A casa da Fazenda do Pombal, anteriormente município de São João del Rei e hoje município de Ritápolis, onde nasceu Joaquim José da Silva Xavier, foi demolida em 1884 por ser então propriedade de Emídio de Mendonça, que empregou o respectivo material na construção da sede da Fazenda do Ouro Fino, para onde transferiu também a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, que existiu na Fazenda do Pombal (o trecho citado é de trabalho publicado em 1942).

A ocupação, a fixação e o desbravamento têm seus motivos no cruzamento das duas estradas, acima citada, os trabalhos relacionados com a agricultura e, mais tarde, a extração mineral. Ritápolis, realmente, apresenta em seu solo minério de manganês, minério de cassiterita, de ouro e conlubitá.

O arraial, anteriormente denominado São Sebastião do Rio Abaixo e depois Santa Rita do Rio Abaixo, tem hoje o topônimo 'Ritápolis', em homenagem à Santa Rita de Cássia (IBGE).

Assim sendo, na figura 4, para auxiliar na compreensão da história de Ritápolis, criamos a seguinte linha do tempo:

Figura 4 – Linha do tempo de Ritápolis



Fonte: Elaboração própria com base nas referências de Zemella (1951)

Com o desenvolvimento da pequena vila de São João Del Rei, as atividades mercantis e a exploração das riquezas naturais exigiram a construção de infraestruturas de transporte, incluindo a implantação de ferrovias. Essas obras foram fundamentais para

a urbanização e a expansão territorial do município ao longo do século XVIII, culminando em sua emancipação como cidade em 1963 e a mudança de nome para Ritópolis. De acordo com o conceito de "tecido urbano", Ritópolis surgiu como um fragmento da vila de São João Del Rei, integrando-se ao conjunto de elementos que compõem a estrutura física e social da cidade. O tecido urbano refere-se à forma como as edificações, ruas, praças, equipamentos urbanos e atividades econômicas se organizam no espaço urbano, contribuindo para a definição da identidade e das características da cidade (LEFEBVRE, 1999, P.17).

Assim, podemos compreender que o desenvolvimento de Ritópolis está intrinsecamente ligado à história da região e às transformações ocorridas ao longo do tempo, tanto em termos econômicos quanto sociais e urbanísticos. A compreensão do conceito de tecido urbano permite uma análise mais ampla e profunda das dinâmicas e processos que influenciaram a formação e o desenvolvimento da cidade. de acordo com o seguinte trecho:

O tecido urbano se prolifera, estende-se e corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, “o tecido urbano”, não designam de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações de predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano. Mais ou menos denso, mais ou menos espesso e ativo, ele poupa somente as regiões estagnadas ou arruinadas, devotadas, à “natureza”. Para os produtos agrícolas, os “camponeses”, projeta-se no horizonte a agrovila, desaparecendo a velha aldeia.(LEFEBVRE, 1999, P.17).

A obra do autor, embora tenha sido publicada originalmente em 1970, é atemporal para relações tanto atuais quanto pertencentes ao passado distante. Neste estudo, pode-se comparar com a cidade de Ritópolis na citação acima, pois a cidade surgiu como “tecido urbano” referente às necessidades mercantis de fazendeiros que habitavam a região, de agricultores e garimpeiros que enxergaram oportunidades de exploração. Dessa forma, surgiu a vila de São Sebastião do Rio Abaixo que passou por várias transformações até a emancipação como cidade.

Mapa 1 – Localização da cidade de Ritópolis no mapa de Minas Gerais



Fonte: IBGE

Mapa 2 – Mapa da localização de Ritópolis em divisa com as cidades vizinhas



Fonte: Anakelly Santos, 2022

Mapa 3 – Distrito-sede



Fonte: Anakelly Santos, 2022

1.2 Ritópolis e a relação com a Gabiroba

A espécie, cujo nome científico é *Campomanesia xanthocarpa* e conhecida popularmente nos territórios brasileiros como Gabiroba, desenvolve-se no Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, nos biomas da Mata Atlântica e do Cerrado. Ela se destaca por seu desenvolvimento nos territórios da cidade de Ritópolis, sendo que os cidadãos recebem seu segundo gentílico como "Gabiroba". Não existem registros históricos nem documentos oficiais sobre a origem e a data em que o termo surgiu, mas considera-se que seja um termo antigo e muito popular. Devido à forte presença da espécie, Ritópolis é referenciada como "a terra das Gabirobas".

Figura 5 – Fotografia de flores de Gabiroba com o centro de Ritópolis ao fundo



Fonte: Thais Maria Santos, 2021

Ritópolis é uma cidade conhecida por seu ambiente acolhedor e familiar, onde todos os residentes se conhecem. Essa proximidade gerou uma alcunha popular para os moradores da cidade, que são carinhosamente chamados de "Gabirola". Por esse motivo, uma associação de mulheres artesãs se chama "As Gabirobinhas" e a rádio da cidade é chamada de "Gabirolas FM". A seguir, será apresentada a história desses eventos, associações e a rádio da cidade que consolidaram esse dito popular.

1.3 As Gabirobinhas

A Associação de Artesãs Bordadeiras de Ritópolis conta com a ação de senhoras que exercem o ofício de bordadeiras. Ela teve início em 2003, pelo Instituto Acaia, uma organização sem fins lucrativos que incentivava e oferecia atividades para crianças, adolescentes e famílias de São Paulo. O instituto incentivou essas senhoras a se unirem como uma associação, que se denominou "Gabirobinhas". O instituto retornou a São Paulo e deixou a associação trabalhar por conta própria. Mais tarde, em 2009, a Associação das Gabirobinhas entrou em parceria com o projeto de extensão da Universidade Federal de São João Del Rei "Linha e Barro", coordenado pela professora do Departamento de Ciências da Educação (Deced), Maria Lúcia Monteiro Guimarães. O objetivo da associação é gerar renda para as mulheres artesãs

pertencentes à periferia de Ritópolis. A parceria também promoveu oficinas de aperfeiçoamento no bordado (ASCOM, 2011). O nome "Gabirolinhas" surgiu devido à marcante presença da planta Gabiroba no trajeto que as senhoras fazem de seus bairros até o centro da associação, localizado no parque de exposições de Ritópolis (ASCOM, 2011).

Figura 6 – Oficina Viva de Bordado. Projeto Gabirolinhas/ Semana Santa Atitude Cultural 2010. São João Del Rei



Foto: Alzira Agostini H.

1.4 Rádio Gabirobas FM – 104.9 FM

Fundada em 2010 a rádio obteve o nome Gabirobas por meio de sugestão da comunidade. Outros nomes foram sugeridos, porém em votação realizada em locais da cidade, o nome Gabirobas FM venceu.

A Rádio é comunitária com boa audiência na cidade, possui apoiadores culturais e é muito popular nas redes sociais.

Figura 7 – Aplicativo Rádio Gabirobas FM



Rádio Gabirobas FM

Rede Alfa 7

7,2 MB

Classificação
Livre

Mais de 100
Downloads

Instalar



Fonte: Thais Maria Santos, 2021

Figura 8 – Foto da Rádio Gabirobas FM, localizada na rua: Maria Virgínia da Paixão, 262-Ritópolis



Fonte: Thais Maria Santos, 2022

1.5 Arraial dos Gabirobas

Como manifestação da forte presença da Gabiroba na cidade, o evento junino "Arraial dos Gabirobas", fundado na década de 2000, também é realizado anualmente. Ele

conta com parcerias de lanchonetes e escolas, que participam com danças juninas, além de barracas beneficentes que comercializam culinária típica mineira para gerar renda para a igreja, associações e outras instituições.

Figura 9 – Fotografia: Arraial dos Gabirobas



Fonte: Prefeitura Municipal de Ritópolis.

1.6 Outras referências da Gabiroba dentro do saber popular em Ritópolis

Ter como conterrâneo o inconfidente mineiro Joaquim da Silva Xavier é um dos maiores orgulhos do povo ritapolitano. Isso fica explícito na letra do hino da cidade, que homenageia Tiradentes no refrão: "Meu orgulho é ser Ritapolitano, terra boa de gente varonil. Tiradentes é meu conterrâneo, o maior herói do Brasil". A letra foi composta pelos ritapolitanos Geraldinho A. Dias e José Aloísio de Resende, e a melodia é de autor desconhecido. O hino é sempre entoado em festas e homenagens realizadas na cidade, principalmente no feriado de 21 de Abril, data da morte de Tiradentes.

Apesar de ser muito popular entre os moradores de Ritópolis, o fato de Tiradentes ter nascido na cidade e vivido parte da infância na Fazenda do Pombal não é amplamente conhecido diante da história divulgada nos antigos livros de História do Brasil.

Especula-se que o motivo seja o fato de Ritópolis ter se emancipado apenas em 1962 e, antes disso, a cidade ter tido vários topônimos e pertencido a São João Del Rei.

Nas biografias e páginas eletrônicas atuais, consta a informação de que Tiradentes nasceu em Ritópolis. Atualmente, a Fazenda do Pombal, sítio histórico, é considerada uma reserva ecológica e é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Figura 10 – Certificado assinado pelo Padre Geraldo Magela da Silva



Fonte: Prefeitura Municipal de Ritópolis

Figura 11 – Praça Tiradentes em 10/01/2023, centro de Ritópolis, monumento em homenagem a Tiradentes fundado em 1972



Fonte: Thais Maria Santos, 2023.

Figura 12 – Ruínas da fazenda do Pombal



Fonte: Thais Maria Santos, 2021.

1.7 Conclusão

Em suma, a cidade de Ritápolis é conhecida por suas numerosas Gabirobas, o que criou uma identidade única para seus habitantes. A preservação dessa árvore é importante não só por sua relevância, mas também por ser um componente crucial do ecossistema local, que abriga diversas outras formas de vida. A Gabiroba é um alimento essencial para tucanos, maritacas, gaviões, jaguatiricas, capivaras, lagartos e muitos outros animais que habitam a região. Sua preservação contribui para manter o equilíbrio ecológico e a diversidade da fauna e flora, incluindo a Floresta Nacional de Ritápolis.

Ao longo do tempo, a Gabiroba foi se tornando cada vez mais significativa para os moradores de Ritápolis, que passaram a associá-la com um forte sentido de identidade local, dando-lhe o nome de "Gabirobas". As receitas tradicionais envolvendo a Gabiroba, como doces, geléias e licores, foram transmitidas de geração em geração, representando uma parte fundamental da alimentação e da cultura dos moradores.

Capítulo 2: Gabirobeira – A espécie popular de Ritápolis

A Gabirobeira é uma árvore nativa da Mata Atlântica que tem despertado interesse entre pesquisadores do Brasil, devido à sua importância cultural e ecológica. Além de ser amplamente utilizada na medicina popular, graças às suas propriedades medicinais

que são conhecidas há séculos pelos povos indígenas e tradicionais que habitam as regiões onde ela ocorre, a Gabirobeira tem sido alvo de estudos em diferentes aspectos, como a sua ecologia, biologia reprodutiva, propriedades medicinais e importância para a biodiversidade.

A Gabirobeira é uma espécie presente em diferentes biomas do país, como o Cerrado, a Caatinga e o Pampa, e sua importância é fundamental para a conservação da biodiversidade dessas regiões. Por ser uma espécie nativa da Mata Atlântica ainda pouco explorada pelo mercado, muitos pesquisadores têm se dedicado a estudar a Gabirobeira, com o objetivo de valorizar sua importância para a cultura e a história do Brasil.

Um exemplo de pesquisa realizada sobre a Gabirobeira foi o estudo de Silva *et al.* (2009), que analisou o comportamento da espécie *Campomanesia pubescens* antes e depois da colheita. Essa pesquisa é importante para adotar técnicas mais adequadas de produção e conservação dos frutos, o que ajuda a minimizar perdas. Além disso, o estudo contribuiu para uma melhor compreensão das características da planta, desde o período de floração até a formação dos frutos (SILVA, *et al.*, 2009, p. 803).

Outro estudo interessante sobre a Gabirobeira foi realizado por Alcantara *et al.* (2017) e teve como objetivo verificar a influência da luz na germinação de sementes da espécie. Os resultados indicaram que a germinação foi significativamente maior em condições de luz contínua do que em condições de escuro. Isso é importante para o desenvolvimento de técnicas que possam aumentar a produção de mudas de Gabirobeira, visando sua utilização em reflorestamento e recuperação de áreas degradadas.

Além disso, a Gabirobeira também é uma espécie importante para a alimentação de diferentes animais, como aves, mamíferos e insetos. A presença da árvore em diferentes biomas do país contribui para a manutenção da biodiversidade dessas regiões e para o equilíbrio ecológico.

Nesse sentido, a Gabirobeira é uma espécie nativa da Mata Atlântica que apresenta grande importância cultural e ecológica. Seus estudos são fundamentais para a conservação da espécie e para o desenvolvimento de novas tecnologias que possam

ser aplicadas em diferentes áreas. O uso sustentável da Gabirobeira é essencial para a preservação da biodiversidade do país e para a garantia de sua importância para a cultura e a história do Brasil.

Neste capítulo, vamos apresentar as características do gênero botânico *Campomanesia*, que pertence à família *Myrtaceae*, e suas variações de espécies, incluindo a *Campomanesia pubescens* O. Berg e a *Campomanesia xanthocarpa*, ambas encontradas na região de Ritópolis (figura 13) e conhecidas popularmente como Gabiroba. Essas espécies produzem frutos globosos, com a diferença principal sendo que a *Campomanesia xanthocarpa* tem frutos de cor amarela ou laranja intensa, com cerca de 3 a 4 centímetros de diâmetro, enquanto a *Campomanesia pubescens* O. Berg produz frutos menores, com cerca de 2,5 centímetros de diâmetro e cor amarela ou alaranjada. No entanto, ambas as espécies têm propriedades medicinais e alimentícias similares, sendo amplamente utilizadas na medicina popular e na produção de alimentos como sucos, geleias e licores (CARVALHO, 2006). Esses assuntos serão abordados com mais detalhes ao longo do capítulo.

Figura 13 – Gabirobeiras em matas nos arredores de Ritópolis



Fonte: Thais Maria Santos, 2021

A Gabirobeira é uma planta pertencente à família *Myrtaceae*, que se desenvolve na presença de luz, um fato comum entre espécies das submatas abertas típicas das regiões de Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e nas regiões decorrentes dos biomas

do cerrado e da mata atlântica, conforme apresentado no mapa 1 e 2, (CARVALHO, 2006, p.265). Além disso, ela também está presente na Argentina e no Uruguai (CARVALHO, 2006, p.265).

Nos territórios de Ritópolis, predominam os gêneros das espécies *Campomanesia xanthocarpa* e *Campomanesia pubescens* O. Berg, mas também podem ocorrer outras de acordo com as frutas encontradas na região, as quais podem ser identificadas pelo tamanho.

Tabela 1– posição taxonômica de *Campomanesia xanthocarpa*

Sistema de Classificação de Cronquist	
Posição taxonômica de <i>Campomanesia xanthocarpa</i>	
Divisão	Magnoliophyta (Angiospermae)
Classe	Magnoliopsida (Dicotyleodoneae)
Ordem	Myrtales
Família	Myrtaceae
Gênero	Campomanesia
Espécie	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> Berg.
Publicação	In Martins, FL. Brás. 14(1), 451, 185
Sinônima Botânica	<i>Campomanesia malifolia</i> Berg; <i>Campomanesia rhombea</i> Berg
Nomes vulgares por unidades da Federação	guabirobeira em Mato Grosso do Sul; guabiroba e Gabiroba, em Minas Gerais; Gabiroba, Gabirobeira, gabirova, guabiroba, guabiroba-miúda, Gabirobeira, guabirobeira-do-mato, guabivova, guaviroba e guavirova-de-folha-lisa, no Paraná; Gabirobeira-do-mato, guabiroba, guabiroba-da-folha-grande, guabiroba-miúda, guabirobeira e guavirova, em Santa Catarina, Gabiroba, Gabiroba-de-árvore, guabocaba e guariroba, no Estado de São Paulo.
Nomes vulgares no exterior	Guabiroba, na Argentina; guavira pyta, no Paraguai.

Fonte: Carvalho, 2006, p.261

De origem indígena o nome Gabiroba significa “casca amarga”, pela característica do fruto que possui a casca grossa, e para alguns, amarga. As plantas arbóreas medem entre 8 e 15 m, podendo medir até 25m (figura 14) enquanto as arbustivas entre 0,80 e 1,5m, na forma de moitas (RESENDE, 2017). Em Ritópolis, no entanto, predomina as espécies rasteiras consideradas pequenas e médias que se desenvolvem em forma de arbustos.

Figura 14 – Comparação do tamanho das Gabirobas de Gabirobeiras arbóreas (frutas maiores) e arbustivas (frutas menores)



Imagem cedida por Eriuelton Resende/Epamig (2021)

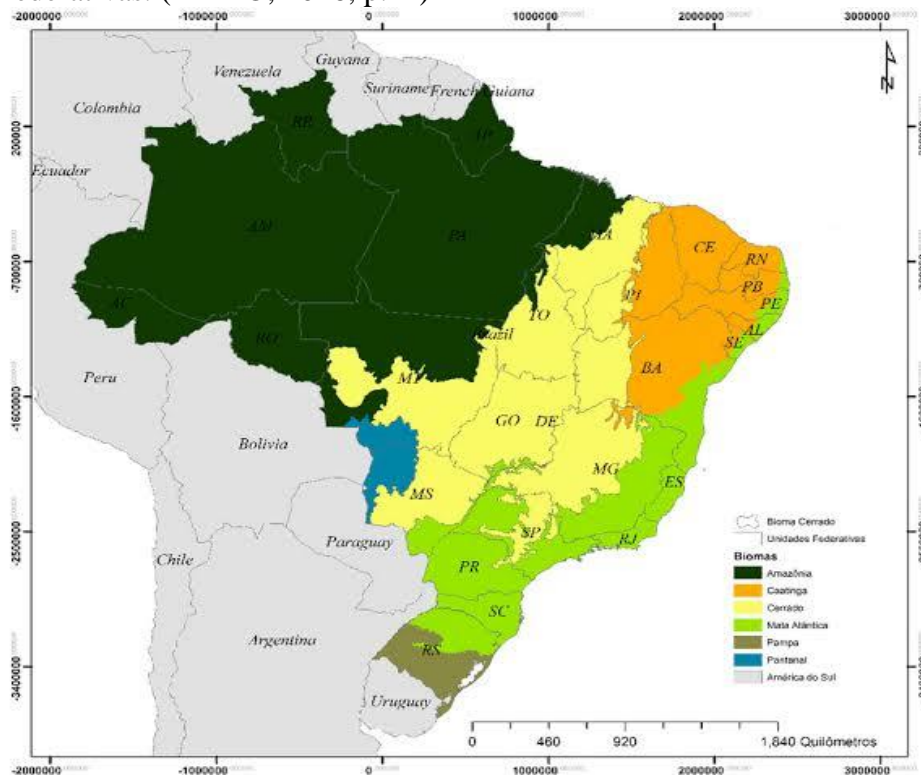
Possuindo a mesma Divisão, Classe, Família e Gênero de acordo com a Tabela 1, o que muda na *Campomanesia pubescens* é a Espécie, sendo: *Campomanesia pubescens* O. Berg. Sendo igualmente conhecida pelos nomes populares citados na tabela acima.

Mapa 4 – Locais identificados de ocorrência natural de “guaviroveira” (*Campomanesia xanthocarpa*), no Brasil



Fonte: (CARVALHO, 2006, p.265)

Mapa 5 – Mapa de localização dos biomas em relação aos limites das Unidades Federativas. (BRITO, 2016, p.21)



Fonte: IBGE

A Gabirobeira é uma planta que possui uma função importante no meio natural. Ela pode ser cultivada como reflorestamento em áreas degradadas e como arborização no meio urbano. Segundo Carvalho (2006), a Gabirobeira é uma árvore estruturada e frondosa, com uma beleza única, que a torna adequada para ser utilizada como árvore ornamental, tanto em formato arbustivo quanto em proporções maiores, em praças, avenidas e residências, contribuindo para o paisagismo local. Além disso, sua fruta é uma fonte de alimento para aves, répteis e mamíferos.

É uma espécie adaptada a climas tropicais e quentes. Para obter sucesso no cultivo desta planta, é importante expô-la a locais bem iluminados pela luz solar para que ela possa crescer saudável. Como é uma planta rústica, a Gabirobeira normalmente cresce de forma natural e abundante nas matas. Os animais que consomem a fruta disseminam as sementes, como é o caso de vários tipos de pássaros e lagartos (CARVALHO, 2006).

2.1 Características da Gabirobeira

Figura 15 – Árvore da Gabiroba (Gabirobeira) de aproximadamente 1,5 m em matas nos arredores de Ritópolis



Fonte: Thais Maria Santos, 2021

A árvore da Gabiroba tem como formação biológica de arvoreta a árvore decídua. (CARVALHO, 2006, p.263). O tronco é acanalado com cada uma das raízes que formam divisões tabulares em torno da base do tronco. A ramificação é dicotômica (dividido ou subdividido em dois), simpódica e irregular. A planta apresenta a casca com espessura de até 7cm, caracterizada pelas cores castanho-amarelada e cinza-escuro na casca externa. As folhas são simples, oposto-cruzadas e diáfanas. (CARVALHO, 2006, p.264)

A floração da Gabirobeira é caracterizada por flores brancas, abundantes e muito vistosas, ocorrem nos meses de julho a outubro, a frutificação ocorre nos meses de novembro, dezembro e janeiro.

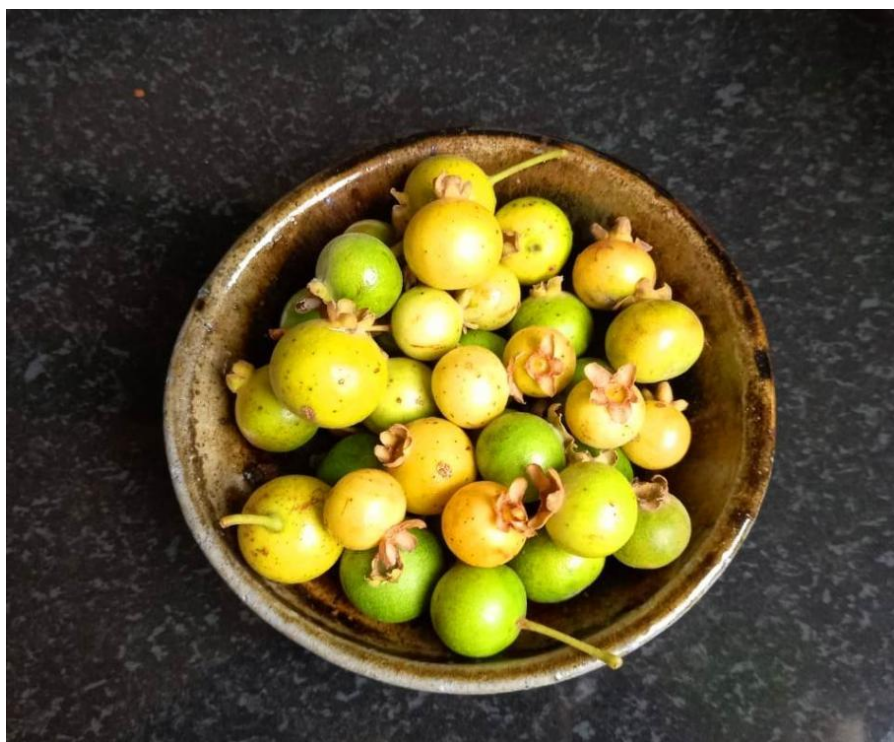
Figura 16 – Floração da Gabirobeira em matas nos arredores de Ritópolis



Fonte: Thais Maria Santos, 2021

“O fruto é uma baga globosa, com 15 a 20 mm de diâmetro. Pode ser axilar, solitário ou geminado. É verde, quando imaturo, e amarelo ou alaranjado, quando maduro. É comestível, de sabor doce, e apresenta de 1 a 6 sementes” (CARVALHO, 2006, p.264).

Figura 17 – Gabirobas recém colhidas em matas nos arredores de Ritópolis



Fonte: Thais Maria Santos, 2021

Figura 18 – Poupa de Gabirobas recém colhidas em matas nos arredores de Ritópolis



Fonte: Thais Maria Santos, 2021

Considerada uma planta silvestre e típica dos biomas do Cerrado e da Mata Atlântica, a Gabiroba ocorre de maneira natural, é uma espécie monóica¹ e sua polinização é realizada por abelhas e vários insetos pequenos (CARVALHO, 2006). Sendo

¹ Segundo o dicionário da Língua Portuguesa Aulete online, monóica é uma espécie que possui, no mesmo pé, flores masculinas e femininas; HERMAFRODITA.

compatível com diversos tipos de solos - desde que não esteja encharcado, pois a planta apresenta uma necessidade moderada de umidade – desta forma a planta é capaz de crescer até em solos mais arenosos (CARVALHO, 2006).

Figura 19 – Sementes de várias espécies de Gabiroba



Imagem cedida por Erivelton Resende/Epamig (2021)

Figura 20 – Mudas de Gabiroba



Imagem cedida por Erivelton Resende/Epamig (2021)

Conforme demonstrado nas figuras anteriores (19 e 20) referentes às sementes e mudas, a semeadura imediata após a extração dos frutos apresenta uma maior porcentagem de germinação. Isso se deve ao fato de que, se as sementes forem armazenadas, podem perder parte da capacidade de germinação (RESENDE, 2017).

2.2 A Gabiroba na medicina popular

A prática de utilizar plantas para tratar, curar e prevenir doenças é uma das formas mais antigas de medicina praticada pela humanidade. Segundo os estudos de Veiga Júnior *et al.* (2005) sobre a utilização de plantas medicinais como alternativa aos tratamentos convencionais em países em desenvolvimento, os autores destacam que, apesar dos avanços significativos da medicina alopática, ainda há obstáculos que impedem sua utilização por parte das populações carentes. Um desses obstáculos é o acesso aos centros de atendimento hospitalares, que muitas vezes são escassos ou distantes das comunidades mais pobres. Além disso, a obtenção de exames e medicamentos pode ser dificultada pela falta de recursos financeiros e infraestrutura adequada (Veiga Júnior *et al.*, 2005).

Nesse sentido, o uso de plantas medicinais se apresenta como uma alternativa viável e acessível, uma vez que essas plantas são facilmente encontradas em diversas regiões e fazem parte da tradição medicinal de muitos povos. A utilização de plantas medicinais, portanto, pode ser vista como uma forma de democratização do acesso aos cuidados de saúde, especialmente em contextos de extrema pobreza (Veiga Júnior *et al.*, 2005).

Em Ritópolis, no passado, devido à escassez de recursos e à falta de acesso a atendimento médico adequado, a comunidade recorria ao uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças e desconfortos. Esse conhecimento foi transmitido de geração em geração e tornou-se parte integrante da identidade cultural da região. Apesar da existência atual de ambulatórios e postos de saúde que oferecem atendimento adequado à população, essa prática tradicional continua a ser valorizada e preservada. Dentre as espécies mais utilizadas, destacam-se as frutas da família *Myrtaceae*, como pitanga, goiaba e Gabiroba, frequentemente empregadas em receitas de chás e sucos, como mostrado na figura 21.

A Gabiroba, por exemplo, é uma fruta que pode ser consumida naturalmente ou em diversas preparações, como bebidas, chás, sucos, doces, geléias, sorvetes, pudins e licores (Resende, 2017).

Figura 21 – Suco da poupa da Gabiroba rico em complexo B, vitamina C, Niacina



Fonte: Thais Maria Santos, 2021

2.3 A Tradição das hortas e quintais em Ritápolis e a inclusão da Gabiroba

Ritápolis é uma cidade que preserva uma tradição valiosa: o cultivo de hortaliças nos quintais particulares. Com poucos prédios em sua construção e predominância de casas, muitas vezes com áreas destinadas a plantações caseiras e amadoras, é comum encontrar uma grande variedade de verduras, raízes, frutas e outros alimentos nos quintais dos habitantes de Ritápolis. A figura 22, em uma imagem aérea, mostra o centro da cidade em uma distância favorável, realçando as casas e as áreas verdes ao redor, inclusive os quintais.

Figura 22 – Imagens aéreas de Ritápolis



Fonte: Foto cedida por André Saliya

Essas antigas culturas de cultivo de hortaliças nos quintais de Ritópolis são exemplos de práticas que contribuem para a sustentabilidade alimentar. O plantio de hortas em quintais particulares permite que as pessoas tenham acesso a alimentos frescos e saudáveis, produzidos localmente, sem a necessidade de transportá-los por longas distâncias. Isso reduz a pegada de carbono e contribui para a redução do impacto ambiental da produção de alimentos.

Deste modo, as culturas de cultivo de hortaliças promovem a diversidade alimentar e o uso de práticas agrícolas mais sustentáveis, como a agricultura orgânica e a agroecologia. Isso pode ajudar a preservar a biodiversidade e os ecossistemas locais, além de melhorar a qualidade dos solos e evitar o uso de agrotóxicos.

Outro benefício importante é que as culturas de cultivo de hortaliças nos quintais de Ritópolis podem ajudar a incentivar a autonomia e a segurança alimentar das pessoas, já que elas podem produzir seus próprios alimentos e ter maior controle sobre a qualidade e a quantidade que consomem.

Nesse sentido, realizamos uma pesquisa breve nos quintais de moradores de Ritópolis e encontramos uma grande diversidade de hortaliças, incluindo desde folhas até frutas, como uvas, além de espécies da família das mirtáceas, conforme mostraremos nas figuras a seguir:

Figura 23 – Plantações de uvas registradas em quintal de um morador de Ritópolis em 2022



Fonte: Thais Maria Santos, 2022

Figura 24 – Bananeiras registradas em quintal de um morador de Ritópolis em 2023



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 25 – Quintal de um morador de Ritópolis registrado em 2023



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 26 – Plantações de espécies variadas e uma jaboticabeira em quintal de uma moradora de Ritópolis registrado em 2023



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 27 – Quintal de uma moradora de Ritópolis registrado em 2023



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

As culturas de cultivo de hortaliças nos quintais de Ritópolis são práticas valiosas que contribuem para a sustentabilidade alimentar, a diversidade alimentar, a preservação do meio ambiente e a autonomia e segurança alimentar das pessoas. Esta afirmação é respaldada por uma pesquisa realizada por Ribeiro *et al.* (2017), que destaca a importância da inter-relação da atividade agrária com a sustentabilidade.

Segundo Ribeiro *et al.* (2017), a cadeia de produção de alimentos tem início no campo, com a preparação de sementes, mudas e insumos. Durante os ciclos de plantio e colheita, diversos elementos da natureza desempenham um papel crucial nesse processo, evidenciando a inter-relação da atividade agrária com a sustentabilidade. No entanto, é importante lembrar que essa relação com a sustentabilidade tem sido cada vez mais afetada por questões tecnológicas, financeiras e sociais, o que pode comprometer a produção de alimentos e o bem-estar das pessoas.

Em Ritópolis, a prática do plantio acontece de forma natural pelos moradores, sendo uma tradição passada de geração em geração, e com a troca de mudas e sementes com vizinhos. Valorizar e incentivar essa prática é importante para disseminá-la em outras comunidades como forma de promover um sistema alimentar mais justo, saudável e sustentável, especialmente considerando que o meio mais utilizado de plantio entre os moradores é o uso de adubos e fertilizantes orgânicos e naturais.

Diante dessas considerações, seria interessante incentivar o cultivo de Gabirobeiras nos quintais de Ritápolis, visto que durante a pesquisa e coleta de imagens nos quintais das moradias, foi observado que embora muitos moradores possuam árvores da família das mirtáceas, nenhum deles tinha a Gabirobeira em seu quintal. Incluir a Gabirobeira nos quintais seria uma forma de preservar a espécie e a identidade local, ao mesmo tempo que proporciona aos moradores acesso a uma fonte de vitaminas e nutrientes. Vale ressaltar que a Gabirobeira é uma planta que se adapta facilmente a vários tipos de solos, o que torna sua inclusão nos quintais ainda mais viável e benéfica.

De acordo com Silva *et al.* (2009), a Gabirobeira faz parte das plantas alimentícias não convencionais (PANC). Sendo assim, devido à tradição de coleta de Gabirobeira nos arredores e matas da cidade no passado, a maioria dos moradores de Ritápolis podem não ter adotado a prática de cultivá-la nos quintais. Além disso, muitas pessoas desconhecem as técnicas adequadas de plantio e os cuidados necessários para garantir o desenvolvimento saudável da planta.

Por isso, é fundamental que os moradores tenham acesso a essas informações. Dessa forma, poderão contribuir para a preservação da espécie e o fortalecimento da tradição de cultivo de frutas em quintais particulares de Ritápolis. Lembrando que, apesar de crescer naturalmente e adaptar-se a vários tipos de solo, a Gabirobeira requer cuidados, como uma boa quantidade de água para um desenvolvimento saudável.

Por fim, é importante mencionar que a expansão da fronteira agrícola tem ameaçado muitas espécies, incluindo a *Campomanesia pubescens* O. Berg (Resende, 2017, p. 68). Nesse sentido, é fundamental considerar métodos que possam preservar essas espécies ameaçadas de extinção, como a inclusão da Gabirobeira nos quintais de Ritápolis.

Para incentivar a preservação e o cultivo das Gabirobeiras nas matas, desenvolvemos o aplicativo "Gabirobeira Viva", disponível para tablets e celulares android. Este aplicativo tem como objetivo informar a população sobre os benefícios de cultivar e preservar a espécie, além de fornecer um passo a passo simples sobre como fazer uma muda em um vaso pequeno usando sementes recém-extraídas do fruto maduro. Com uma linguagem sucinta e textos rápidos, o aplicativo é acessível para pessoas de todas

as idades. Ele também estará disponível para atualizações e melhorias ao longo do tempo. As imagens a seguir mostram a apresentação visual do aplicativo.

Figura 28 – Conjunto de fotos do design do Aplicativo Gabiroba Viva



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

2.4 Conclusão

Ritápolis é uma cidade que se desenvolveu como um centro urbano para atender às necessidades da população local. O crescimento urbano trouxe benefícios, como acesso a serviços básicos, mas também resultou em problemas ambientais, mesmo que pequenos, como a diminuição de espécies vegetais, incluindo a Gabiroba, devido à expansão urbana, pavimentação e remoção de solo vegetal.

A Gabiroba é uma fruta pouco conhecida e valorizada, mais comumente encontrada em cidades do interior. No entanto, em Ritápolis, ela é considerada parte da identidade cultural e apreciada pela população, que inclusive busca a fruta nas matas ao redor da cidade para consumo in natura ou para produzir geléias e licores. Incentivar o cultivo da Gabiroba nos quintais em Ritápolis pode trazer benefícios nutricionais e econômicos, além de contribuir para a conservação da espécie. A Gabiroba adapta-se a diferentes tipos de solo e pode ser cultivada tanto para consumo próprio quanto para reflorestamento. Em suma, é essencial proteger a Gabiroba em Ritápolis, não apenas por seu valor cultural e identitário, mas também por sua importância ambiental.

Capítulo 3: A Gabiroba como Símbolo de Ritápolis

O capítulo um apresenta diversas evidências que destacam a importância e a apreciação do fruto da Gabirobeira para os ritapolitanos. A utilização de formas carinhosas, como a autodenominação dos moradores como "Gabiobas" e a denominação de associações e locais com o nome da fruta, refletem a memória afetiva adquirida pela população ao longo do tempo.

Dentro desse contexto de saberes populares, a identidade da Gabiroba criada pelos próprios moradores promoveu uma união entre a fruta e os cidadãos. Essa analogia ressalta que não vivemos de forma isolada da natureza. Embora os seres humanos dominem questões relacionadas à ciência e tecnologia, frequentemente nos referimos ao meio ambiente como se estivéssemos separados dele. No entanto, fazemos parte de um ecossistema interconectado, e a existência humana em um ambiente totalmente devastado seria difícil, senão impossível.

Nesse sentido, é importante ressaltar as palavras de Krenak, que apontam para a necessidade de superarmos a separação entre seres humanos e natureza e reconhecermos nossa interdependência com os demais seres vivos e com o ambiente em que vivemos.

Não consigo nos imaginar separados da natureza. A gente pode até se distinguir dela na cabeça, mas não como organismo. A possibilidade de sobrevivermos com esse corpo em Marte ou em qualquer outro planeta vai depender de um aparato tão complexo que será mais fácil arrumarmos máscaras e respiradores e continuarmos aqui (...) (KRENAK, 2021, p.58)

Tal citação destaca a interdependência entre os seres humanos e a natureza, enfatizando que, embora nos consideremos seres separados da natureza, na verdade dependemos dela para sobreviver. Krenak também enfatiza a importância de valorizarmos e preservarmos o meio ambiente em que vivemos, uma vez que a sobrevivência em outros planetas seria impossível sem um aparato tecnológico extremamente complexo. Desse modo, é essencial que tenhamos consciência ambiental e sobre a relação do ser humano com a natureza.

A estratégia proposta neste trabalho para a preservação da espécie da Gabiroba em Ritópolis envolve o uso de elementos artísticos para comunicar e informar a população local sobre a necessidade de proteger o meio ambiente. A ideia é instigar a curiosidade dos moradores sobre a espécie e sua importância para a identidade cultural e afetiva da região, por meio de símbolos artísticos. Essa abordagem se baseia na perspectiva de Freire (2020) de que a curiosidade é um elemento essencial para o aprendizado e a compreensão de um objeto ou conceito. De acordo com o autor, “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser.” (FREIRE, 2021, p.85)

3.1 Gabiroba em Ritópolis: uma história cultural e ambiental retratada pela arte

A proposta desta pesquisa conflui na construção de esculturas de Gabirobeira e expô-las em locais públicos em Ritópolis, com o objetivo principal de resgatar a importância da fruta na cultura local. As esculturas pretendem não apenas representar a presença física da Gabiroba na cidade, mas também ressaltar sua história e tradição dentro do saber popular.

Ao utilizar a arte como meio de concretização desse resgate, busca-se trazer à tona a memória coletiva e dar uma nova vida à identidade cultural da região. A escultura da Gabiroba, portanto, não se trata apenas de um objeto artístico, mas de uma manifestação da presença e importância da espécie na região, e de sua relação com a história e tradições locais.

O criador se distingue do sábio não pelo conhecimento (porque pode se apropriar de imensos saberes), muito menos por não saber, mas pelo caminho, pelo papel do conhecimento ao longo de seu caminho, portanto, pela forma de apropriação e retorno à experiência. (LEFEBVRE, 2006, p. 247)

Neste sentido, a citação de Lefebvre (2006) pode ser relacionada à presença da identidade popular da Gabiroba em Ritópolis, uma vez que ambos destacam a importância da forma como o conhecimento é utilizado e apropriado para criar algo novo e significativo, e de como essa criação pode contribuir para a história e a identidade de um determinado território. Nesse contexto, tanto artistas quanto outras pessoas que se apropriam do espaço urbano de maneira mais integrada com a natureza podem ser considerados criadores de soluções sustentáveis para a cidade. A arte pode ser um meio de expressão para essas ideias, mas não é a única forma de promover a integração com a natureza na cidade.

A presença da Gabiroba como símbolo linguístico da rádio de Ritópolis, eventos e associações não é acompanhada de uma representação artística que una a espécie e a cidade, ou a espécie e os moradores de Ritópolis. Nesse sentido, a criação de um símbolo artístico pode contribuir para fortalecer a história, criando uma conexão entre a espécie e a cidade por meio da arte. Essa representação artística trará informações sobre a história popular, a importância da preservação da espécie e mais conhecimento sobre a Gabiroba. De acordo com Lefebvre (2006), a presença se encaixa em uma teoria que aceita a representação como fato social, político e psíquico.

Durante a lenta urbanização de Ritópolis, que incluiu eventos históricos como a exploração de ouro e minério, a agropecuária e a formação da vila que começou como São Sebastião do Rio Abaixo, a identidade de Gabiroba surgiu como parte da história popular da região devido à abundância com que a espécie proliferava em seu território da cidade. A identidade Gabiroba foi passada de geração em geração até os dias atuais. Nesse contexto, a representação de um saber popular pode ser explicada e dividida:

"como todo conceito, a representação pode ser considerada de duas maneiras, de acordo com a análise diferencial: a) Gênese histórica, global, abstrata, ligada à história geral da filosofia e da sociedade. b) Genealogia, ou seja, filiações e encontros concretos, desvios, influências, etc." (LEFEBVRE, 2006, p. 62).

Assim, a criação de um símbolo artístico que represente a identidade de Gabiroba em Ritópolis pode ser vista como uma maneira de explorar a história local e criar uma conexão entre a espécie e a cidade. Essa representação artística pode contribuir para a preservação da identidade cultural e histórica da região, bem como para a disseminação de informações sobre a importância da preservação da espécie. A teoria de Lefebvre (2006) sobre a representação como fato social, político e psíquico pode ser aplicada para entender a importância da representação artística para a construção da identidade e história de uma cidade.

Neste sentido, a escultura artística pode ajudar a preservar a memória popular e conscientizar sobre a reintrodução da Gabirobeira nas matas nos arredores da cidade. Dessa forma, a escultura tem a perspectiva de contribuir para a continuidade da memória e a valorização da espécie.

Destacamos ainda a importância da arte em desempenhar um papel fundamental na preservação da história cultural e popular, pois permite que as tradições e as memórias sejam transmitidas de geração em geração. Através da arte, é possível manter vivas as narrativas, as experiências e os valores que permeiam uma determinada cultura ou comunidade.

A arte pode ser entendida como uma forma de expressão que se utiliza de diversas linguagens, como a música, a literatura, a dança, a pintura, a escultura, entre outras. Essas linguagens são capazes de capturar a essência da cultura e transformá-la em algo que possa ser apreciado e compreendido por outras pessoas.

Ao longo do tempo, as expressões artísticas têm sido utilizadas para registrar a história e as tradições de um povo. Por exemplo, a literatura e a música popular têm sido usadas para narrar histórias e lendas locais, enquanto a pintura e a escultura são frequentemente usadas para representar símbolos e imagens que fazem parte do imaginário coletivo.

Além disso, a arte pode ser uma forma de conscientização e de mobilização social em prol da preservação de uma cultura ou de uma espécie. Desta forma, é possível sensibilizar as pessoas para a necessidade de sua preservação.

No caso específico da escultura que representa a Gabirobeira, a criação de uma obra de arte pode ajudar a preservar a história e a memória cultural da espécie, e também pode servir como uma forma de conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente. Além disso, a escultura pode ajudar a estabelecer uma conexão mais forte entre a comunidade local e a Gabirobeira, ajudando a garantir que a espécie continue a fazer parte do tecido cultural da região.

Pensando nisto colocamos em prática o esboço de desenhos e pinturas sobre a Gabiroba como pré-projeto para a produção das esculturas.

Figura 29 – Desenho Gabirobas



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

No processo de criação das esculturas que representam a Gabirobeira, é fundamental conectar a arte com a presença da representação e ideologia da identidade popular e da espécie. Para isso, desenhamos o galho com frutas maduras, uma forma de destacar a importância da preservação da planta e de sua relação com a cultura local.

A busca por inspiração em outros artistas foi uma etapa crucial para a produção do trabalho. Após análise de diversas obras, selecionamos duas artistas cujas esculturas abordam temas relacionados à natureza e às plantas: Lindsa Feuer, cujas figuras 30 e 31 serviram de referência, e Susan Beiner, cujas figuras 32 e 33 também foram inspiradoras. Com essa abordagem, buscamos trazer elementos da arte contemporânea para a representação da Gabirobeira, tornando-a um símbolo não só da identidade popular, mas também da expressão artística.

Figura 30 – Esculturas Lindsay Feuer



Fonte: Portal Lindsay Feuer

Figura 31 – Esculturas Lindsay Feuer



Fonte: Portal Linday Feuer

Lindsay Feuer é uma renomada ceramista norte-americana, nascida e criada na Filadélfia, conhecida por criar esculturas de porcelana únicas e detalhadas, inspiradas nas formas orgânicas da natureza. Suas obras são uma mistura híbrida de fantasia e realidade, executadas em porcelana não vidrada, o que confere uma textura e um aspecto singular às peças. (LINDSAY FEUER STUDIO, 2022).

A artista que se destaca por sua técnica de escultura em porcelana, uma arte que requer muita habilidade e paciência, além de um olhar cuidadoso para as formas da

natureza. Sua obra é caracterizada por peças únicas e detalhadas que retratam formas orgânicas inspiradas na natureza.

A porcelana é um material frágil e delicado, o que torna o trabalho de Lindsay ainda mais impressionante. Suas esculturas são feitas com uma técnica "híbrida" de fantasia e realidade, combinando formas naturais com elementos inventados, criando uma obra única e cativante. As peças de Feuer são em sua maioria miniaturas, e são criadas em seu estúdio em Manayunk, na Filadélfia.

Além de sua técnica apurada, a artista também se destaca por sua capacidade de explorar as possibilidades da porcelana. Sua obra não é apenas esteticamente agradável, mas também é rica em detalhes e texturas. Seu trabalho já foi exibido em diversas galerias nos Estados Unidos, incluindo a Works Gallery na Filadélfia.

Figura 32 – Ladrilho Susan Beiner



Fonte: Portal Susan Beiner

Figura 33 – Escultura Susan Beiner

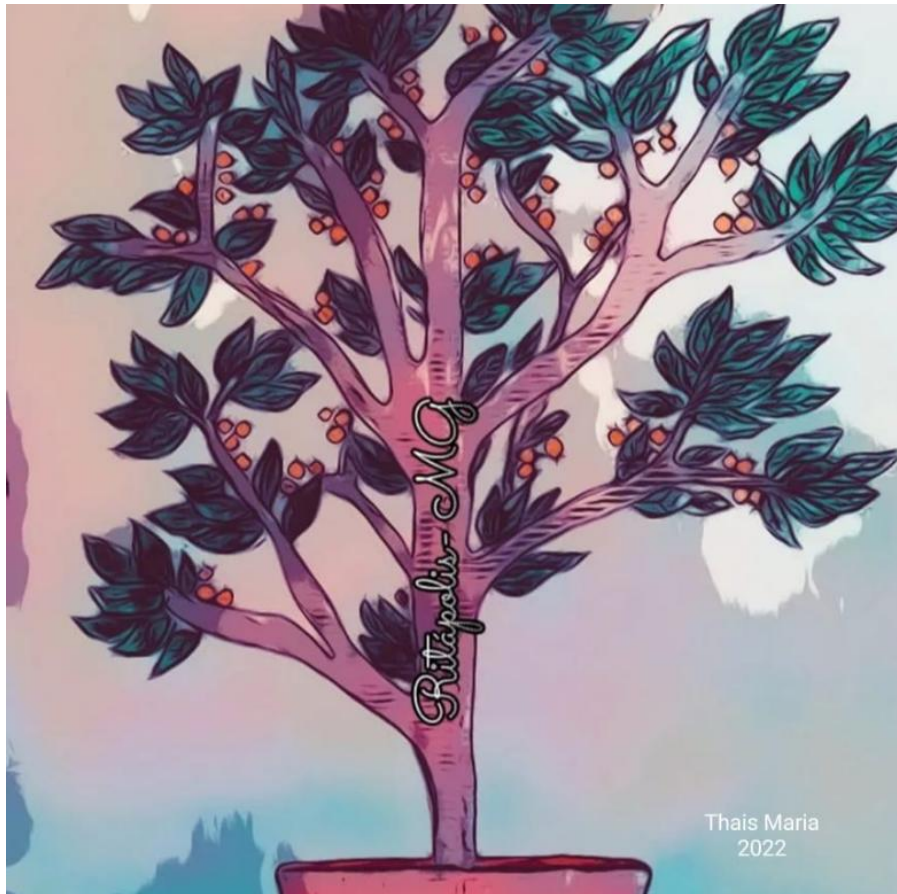


Fonte: Portal Susan Beiner

Susan Beiner é uma ceramista e professora do Herberger Institute for Design and the Arts da Arizona State University. Suas instalações escultóricas expõem a preocupação com os efeitos no frágil ecossistema de humanos, animais e plantas. Seu objetivo é criar um equilíbrio ecológico entre o conflito que surgiu entre natureza e cultura (SUSAN BEINER BIOGRAPHY, 2022).

Considerando a teoria das representações de Lefebvre (2006) e com as influências das artistas Beiner e Feuer, conseguimos montar um desenho base para as esculturas das Gabirobeiras (Figura 34). Sobretudo com a influência de Beiner que usa a arte para expor a preocupação com o meio ambiente, o que dialoga com as esculturas deste trabalho.

Figura 34 – Desenho editado de uma Gabirobeira



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

A representação da Gabirobeira no desenho acima destaca não apenas a espécie, mas também a sua relação com a identidade cultural da região. Ao associar o nome de Ritópolis ao tronco da árvore e representar as Gabirobas em cerâmica, o desenho estabelece uma analogia entre a preservação da espécie e a valorização da história e tradições locais."

3.2 A Aura Artística da Gabiroba e a democratização da arte

O conceito de "aura" na teoria de Benjamin é um tema central em sua abordagem crítica à arte e cultura. Benjamin (2021) entende a "aura" como uma energia presente nos objetos de arte que os torna únicos, autênticos e irreproduzíveis. Essa aura é resultante da história e tradição cultural que envolve a obra de arte e é criada pela sua singularidade, autenticidade e originalidade.

Para Benjamin (2021), a reprodutibilidade técnica da arte, ou seja, a capacidade de produzir cópias em massa de obras de arte, ameaça a aura da arte. Ele argumenta que a perda da aura pode ser vista como uma consequência do desenvolvimento

tecnológico, especialmente com a invenção da fotografia e da reprodução mecânica de obras de arte. Essa perda de aura ocorre porque, na reprodução técnica, a obra perde sua singularidade, autenticidade e originalidade, que são substituídas pela capacidade de reprodução mecânica. Desta forma, para este autor:

A singularidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto da tradição. É claro que essa mesma é sem dúvida algo absolutamente vivo e extraordinariamente mutável. Uma antiga estátua de Vênus, por exemplo, estava em um contexto distinto de tradição entre os gregos, que a utilizavam como objeto de culto, e entre os clérigos da idade Média, que viam nela um ídolo malfazejo. O que, porém, confrontavam a ambos do mesmo modo era a sua singularidade; em outros termos: sua Aura. (BENJAMIN, 2021, p.60)

A aura é a sensação de unicidade, autenticidade e originalidade que envolve uma obra de arte, e que é afetada pela reprodutibilidade técnica. Com a reprodutibilidade técnica, a aura da obra de arte é destruída, uma vez que ela pode ser reproduzida em massa e perde sua singularidade.

No entanto, a reprodutibilidade técnica também permite uma maior circulação e acesso às obras de arte, o que pode trazer consequências positivas, como a democratização da arte e o acesso à cultura. Por outro lado, a banalização da experiência estética e a desvalorização da singularidade da obra são preocupações relevantes diante da reprodução em massa das obras de arte.

As artes sobre a Gabiroba podem se encaixar nesse contexto ao abordar questões como a singularidade da obra, a aura da obra de arte e a democratização da arte.

Ao criar uma obra de arte sobre a Gabiroba, é possível explorar a singularidade da espécie, sua relação com a cultura local e a tradição da cidade em que a obra está inserida. A obra pode ter uma aura única, que transmita a experiência estética da Gabiroba e da cidade, ao mesmo tempo em que se insere na tradição artística e cultural da região.

No entanto, a democratização da arte também é uma questão importante a se considerar, especialmente no que diz respeito ao acesso à cultura e à preservação da história local. A produção de cópias artesanais da obra pode permitir que um número maior de pessoas tenha acesso à arte e à história local, o que é positivo. Por outro lado, é importante garantir que a produção em massa da obra não leve à perda da

singularidade e do conceito original, que se refere a preservação da espécie e da cultura popular.

Ressaltando a importância de encontrar um equilíbrio entre a preservação da singularidade e da aura da obra, e a democratização da arte e da história local. A obra de arte sobre a Gabiroba pode se encaixar neste contexto ao abordar essas questões e buscar encontrar um equilíbrio entre esses elementos.

A produção em massa de uma obra de arte pode trazer diversos aspectos positivos para a cultura local em termos de economia, especialmente se a obra for considerada um símbolo cultural ou turístico da região. Alguns desses aspectos positivos incluem:

Geração de renda: a produção em massa da obra de arte pode gerar empregos e renda para artistas locais, artesãos, fornecedores de matéria-prima e outros trabalhadores envolvidos na cadeia produtiva.

Fomento ao turismo: uma obra de arte popular e icônica pode atrair visitantes para a região, aumentando o turismo e movimentando a economia local. Esses visitantes podem consumir produtos e serviços locais, como alimentação, hospedagem e passeios turísticos.

Fortalecimento da identidade cultural: a produção em massa da obra de arte pode ajudar a fortalecer a identidade cultural da região, criando um símbolo visual que represente a história e a tradição local. Isso pode contribuir para o orgulho e o engajamento da comunidade local, e até mesmo para a preservação de tradições e práticas culturais que poderiam estar em risco de desaparecer.

Difusão da cultura: a produção em massa da obra de arte pode ajudar a difundir a cultura local para outras regiões e países, promovendo a imagem da cidade e do estado em nível nacional e internacional.

Em síntese, a produção em massa de obras de arte relacionadas à Gabiroba pode trazer inúmeros benefícios para a região, desde a geração de renda e o fortalecimento da identidade cultural até a difusão da cultura e o fomento do turismo. No entanto, é importante que essa produção seja feita com responsabilidade social e ambiental, de

modo a preservar a singularidade e a qualidade da obra e garantir a qualidade de vida dos artesãos e do meio ambiente.

Considerando as características de uma arte representando a Gabirobeira e sua relação com a história e a tradição local, é possível que essa arte possa inspirar a produção de artesanatos que valorizem o saber popular de Ritápolis. Por exemplo, caricaturas e miniaturas das espécies poderiam ser produzidas como forma de destacar a cultura local.

Essa arte, com suas características e conexão com a história e tradição local, pode inspirar a produção de artesanatos que valorizem o saber popular de Ritápolis. Por exemplo, é possível criar caricaturas e miniaturas das espécies para destacar a cultura local. Essa forma de expressão artística preserva e transmite conhecimentos, fortalecendo a identidade cultural da região e contribuindo para a preservação da espécie.

No entanto, de acordo com Benjamin (2021), é importante considerar que a reprodução em massa desses artesanatos pode comprometer a sua autenticidade artística. Mesmo assim, eles desempenham um papel relevante na divulgação da história popular e na valorização do saber popular de Ritápolis. Ao produzir artesanatos inspirados na representação da Gabirobeira, ampliamos a comunicação e promovemos a valorização da cultura local.

3.3 Produção das Esculturas

Com base nos estudos realizados, decidimos produzir quatro esculturas de Gabirobeira em argila. As esculturas serão queimadas e esmaltadas posteriormente, representando as árvores pequenas e arbustivas mais comuns em Ritápolis. Após a modelagem, as esculturas serão queimadas em um forno para dar-lhes maior resistência e durabilidade.

Para finalizar o processo, as esculturas foram biscoitadas², pintadas com tinta fria e seladas com verniz. Foram utilizadas na pintura artesanal as cores que melhor representam as Gabirobeiras, como o verde das folhas e o marrom-avermelhado da casca. Assim, as esculturas serão uma representação autêntica e bela dessas árvores

² Termo utilizado para definir a queima da cerâmica em baixa temperatura de 950°C a 1100°C .

tão importantes para a região de Ritópolis. Desta forma, a confecção das esculturas foi dividida em três etapas.

Cada etapa do trabalho foi realizada com o máximo de cuidado e atenção aos detalhes. Foi feita uma adaptação de escala para cerca de 30cm na cerâmica, com o objetivo de modelar as peças o mais próximo possível da beleza das Gabirobeiras que serviram de inspiração para o projeto.

Passo 1: Na primeira etapa, preparamos a massa cerâmica, que foi sovada até atingir a consistência ideal. Em seguida, abrimos uma placa de argila para servir como base da árvore.

Logo, as esculturas foram modeladas em argila (Figuras 35, 36 e 37), um material que permite um bom manuseio e depois de biscuitada - termo técnico para definir a queima de argila - permite uma grande variedade de texturas e cores.

Figura 35 – Tronco das árvores sendo construídos e abertos para receber a modelagem dos galhos



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 36 – Modelagem das folhas e flores de Gabiroba



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 37– Gabirobeira já modelada e seca em “ponto de osso” termo técnico para definir a escultura em argila seca pronta para ser biscoitada



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Passo 2: Na segunda etapa, as esculturas foram queimadas em temperatura baixa e estão prontas para receber a pintura e a selagem em verniz (figura 38).

Figura 38 – Esculturas biscoitadas em baixa temperatura



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Passo 3: Na terceira etapa do processo de criação das esculturas de Gabirobeira, foram aplicados pigmentos nas cores marrom, verde e amarelo, seguidos de selagem com verniz para preservar a escultura e a pintura. A técnica de finalização fria foi escolhida para garantir maior precisão das cores e acabamento de qualidade, conforme ilustradas pelas figuras 39, 40, 41, 42 e 43.

Os troncos das esculturas são nomeados em referência à cidade de Ritópolis - MG, enquanto os galhos representam ruas, bairros e povoados de forma geral, sem separação. A inclusão dos povoados em Ritópolis ocorreu naturalmente, não havendo uma árvore separada para eles. Para homenagear a relação afetiva dos moradores de Ritópolis com a Gabiroba, foi escolhida uma rua de cada bairro para ser representada nos galhos das esculturas. A seleção das ruas para serem representadas nos galhos, foi feita em razão da inviabilidade de representar todas as ruas, visto que a cidade de Ritópolis possui uma grande quantidade delas. No entanto, todas as regiões da cidade foram contempladas, conforme o Mapa 3 da Microrregião apresentado no capítulo um. Essa escolha garantiu a representatividade de todas as áreas da cidade nas esculturas.

Figura 39 – A escultura de Gabirobeira representa algumas das ruas de Ritópolis, tendo em vista a grande quantidade de ruas presentes na cidade, foram escolhidas uma ou duas ruas de cada bairro de forma aleatória para a representação



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 40 – Foto da segunda Gabirobeira representando o nome das Ruas



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 41 – Escultura de Gabirobeira apenas com o nome Ritópolis no tronco



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 42 – Escultura Gabirobeira representado os Bairros e alguns dos Povoados de Ritópolis. Desta forma os bairros são: Centro, Nova Cidade, Cássia, Várzea, Tiradentes e Fátima. Enquanto os povoados: Penedo, Prainha, Ramos e Monte Pio



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

Figura 43 – Segunda Gabirobeira representando Bairros e alguns Povoados de Ritópolis



Fonte: Thais Maria Santos, 2023

A proposta é expor as esculturas em bibliotecas de escolas principais de Ritópolis, juntamente com uma descrição contendo informações sobre a espécie e sobre a memória popular da identidade cultural. A intenção é que as crianças de Ritópolis tenham a oportunidade de se familiarizar com a Gabiroba e seu papel na flora local, desenvolvendo uma conexão afetiva com essa importante árvore.

Ao disponibilizar as esculturas acompanhadas da descrição, os estudantes poderão aprender a identificar a Gabiroba nas matas e florestas de Ritápolis, além de conhecer a importância da conservação e preservação da espécie.

Dessa forma, a exposição das esculturas em bibliotecas escolares pode contribuir para a educação ambiental e o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes, criando uma maior conscientização sobre a importância da biodiversidade local e sua relação com a história e a cultura de Ritápolis.

3.4 Conclusão

Durante toda a pesquisa, foi abordada a relevância da reconexão entre o ser humano e a natureza, especialmente no que se refere à interligação entre a identidade cultural da Gabiroba e o meio natural. Na cultura local, a Gabiroba é considerada não somente como uma expressão linguística, mas também como uma experiência vivida pelos ritapolitanos ao longo do tempo, fazendo parte de suas histórias de vida e tradições. Dessa forma, a Gabiroba é um elemento que conecta os ritapolitanos à natureza, sendo vista como uma ponte que os une às suas raízes culturais e ambientais.

Ao expor as esculturas artísticas nas escolas, concretizamos a presença da Gabiroba na cultura local e iniciamos o registro do conhecimento sobre sua história popular, enfatizando sua importância para a fauna e flora da região.

Essa iniciativa visa aprofundar a conexão entre os estudantes e a natureza, promovendo a educação ambiental e conscientizando sobre a necessidade de preservar e proteger a biodiversidade local. Além disso, as esculturas artísticas têm um valor simbólico importante, representando uma ponte entre o passado e o presente, entre a cultura local e o meio natural, permitindo que as futuras gerações de ritapolitanos mantenham viva a memória da Gabiroba e de sua importância para a história e a identidade cultural da região.

Capítulo 4 - Impactos ambientais e a preservação da Gabiroba: desafios e oportunidades para a conservação da espécie

Como citado na introdução desta dissertação, os impactos ambientais apresentam um cenário preocupante no mundo. Na última reunião do G20 em outubro de 2021, foram

debatidos assuntos sobre o futuro do meio ambiente, mudanças climáticas e sustentabilidade. O futuro é preocupante devido ao aumento das emissões de carbono e suas consequências para o planeta. O Acordo de Paris, negociado na COP21 em 2015, é responsável por medidas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, limitar o aquecimento global abaixo em 2°C e reforçar a capacidade dos países de lidar com este desafio de forma sustentável (ARTAXO, 2020).

No entanto, as emissões de CO₂ ainda não foram significativamente reduzidas, e, como resultado, estamos enfrentando desertificação, mudanças no regime de chuvas, derretimento no Ártico, inundações, secas, tempestades, furacões e outros impactos negativos para todos os seres vivos na Terra que fazem parte da grande teia da vida, de acordo com Fritjof Capra (1996). O autor também argumenta que o aquecimento global é um resultado direto da ação humana e de nossa falta de compreensão dos sistemas ecológicos. Ele apela para mudanças em nossos padrões de consumo e produção para preservar o equilíbrio natural do planeta.

Ao longo da história, um dos principais marcos da urbanização foi a transformação de espaços rurais em espaços urbanos, devido ao crescimento das cidades e das atividades essenciais, como o comércio e a indústria. Neste sentido foi após a Revolução Industrial no século XIX que se deu início ao crescimento desordenado das cidades, com grande parte da população migrando do meio rural para o urbano em busca de melhoria econômica.

No documentário experimental "Koyaanisqatsi" (1982), é possível perceber como a industrialização e o capitalismo levaram à vida desequilibrada e aos problemas ambientais. As emissões de gases poluentes e a tecnologia em constante evolução estão à frente das consequências geradas para o meio ambiente e a grande desigualdade social. Segundo Marques:

O capitalismo assenta sua legitimidade no conforto tangível, e antes inimaginável, que trouxe a parcelas importantes das sociedades industriais e “emergentes” contemporâneas. À medida, contudo, que as crises ambientais começam a ameaçar essas conquistas, o capitalismo investe: (1) na ideia de que apenas o crescimento econômico pode continuar a garanti-las, ainda que obtido a um custo ambiental maior; e (2) na geração de novas necessidades de consumo, que parecerão tanto mais naturais e mesmo imprescindíveis quanto mais estimuladas pelo crédito, pela publicidade e por outros mecanismos indutores de comportamento. (MARQUES, 2016, p.19)

No geral, a intensificação dos problemas sociais, econômicos e de moradia é consequência da urbanização e da industrialização, segundo a visão do filósofo marxista Lefebvre (2001). Além disso, o capitalismo é apresentado como um sistema que baseia sua legitimidade no conforto que traz às sociedades, mas que está agora ameaçado pelas crises ambientais. Essa é uma visão crítica do capitalismo e de como ele está relacionado com as emergências climáticas e as desigualdades sociais, mostrando que a industrialização e o crescimento econômico incontrolado têm levado a uma vida e natureza desequilibradas.

Diante deste contexto, a preservação de espécies é importante para a sustentabilidade, para a mitigação dos impactos do aquecimento global e das emergências climáticas. As espécies e os ecossistemas desempenham papéis críticos no equilíbrio do clima e na manutenção da biodiversidade. Algumas espécies, como as plantas, são responsáveis pela absorção de dióxido de carbono da atmosfera, enquanto outras, como os animais, desempenham papéis importantes na polinização e na dispersão de sementes.

A perda de espécies e a degradação do meio ambiente, têm impactos negativos no clima e na biodiversidade, aumentando a vulnerabilidade a eventos climáticos extremos, como secas, inundações e tempestades. Além disso, a perda de biodiversidade pode interferir na segurança alimentar, na saúde humana e na economia, já que muitos produtos e serviços ecossistêmicos são derivados da natureza. Neste contexto, destacamos a importância da Gabiroba em Ritópolis, uma espécie PANC que se encontra abundantemente nas matas e florestas locais. Caso não seja preservada e conservada adequadamente, haverá um impacto negativo na biodiversidade da região. Considerando o notável crescimento da cidade, é crucial evitar prejudicar a ocorrência da Gabiroba.

É válido ressaltar que Ritópolis é uma cidade de pequeno porte, localizada no interior. O crescimento em si não é negativo, porém é fundamental encontrar um equilíbrio harmonioso entre o desenvolvimento urbano e a preservação da fauna e flora, visando o bem-estar de todos os seres vivos.

4.1 Relação Entre O Colapso Ambiental e O Antropoceno

O termo "Antropoceno" foi proposto por Paul Crutzen, biólogo e químico, em 2000 para descrever a era geológica atual, na qual as ações humanas têm um impacto significativo e duradouro na Terra e em seus sistemas naturais. Ele é resultado da combinação das palavras "antropo" (grego para "humanidade") e "ceno" (grego para "novidade"). Esse termo é em partes aceito pela comunidade científica como uma descrição precisa da atual mudança ambiental e climática causada pela ação humana. O conceito de Antropoceno é importante porque chama a atenção para a responsabilidade humana de lidar com as consequências do colapso ambiental e das emergências climáticas (ISSBERNER e LÉNA, 2018).

O colapso ambiental é a consequência do Antropoceno e refere-se ao agravamento e deterioração do meio ambiente em uma escala global. Isso inclui a degradação dos solos, a perda de habitats naturais e de espécies animais e vegetais, a contaminação da água e do ar, e a alteração do clima (ISSBERNER e LÉNA, 2018). Além disso, o colapso ambiental tem implicações graves para a saúde humana e para a economia global. Porém, há o debate de que apenas uma parcela de fato prejudica o meio ambiente e não todos os seres humanos, havendo outras sugestões de nomes para essa era como "Capitaloceno", "Ocidentaloceno", "Industrialoceno", dentre outros (CAVALCANTI, 2021).

Para lidar com o colapso ambiental e o Antropoceno, é necessária uma abordagem interdisciplinar que envolva vários campos de estudo, como biologia, geologia, ecologia, antropologia, economia, sociologia e política. É importante que as grandes corporações tomem medidas para minimizar seus impactos negativos e sejam mais responsáveis, incluindo a adoção de práticas mais sustentáveis, a implementação de políticas internas de responsabilidade ambiental e a transparência em relação aos impactos ambientais e sociais. Além disso, o desenvolvimento de tecnologias mais limpas e renováveis é fundamental para o sucesso na luta contra o colapso ambiental e as emergências climáticas (ISSBERNER e LÉNA, 2018).

Outro ponto são os agrotóxicos produzidos por indústrias químicas e farmacêuticas. Algumas dessas indústrias são multinacionais e outras são empresas nacionais especializadas na fabricação de produtos agrícolas ou de proteção de plantas. Esses

elementos em excesso podem prejudicar o meio ambiente de várias maneiras. Eles podem contaminar o solo e a água, matando microrganismos benéficos e prejudicando a saúde das plantas e animais que dependem desses recursos. Além disso, os agrotóxicos e aerossóis tóxicos podem ser transportados pelo ar e afetar ecossistemas distantes, incluindo a saúde de animais selvagens e populações humanas. Outro fator preocupante é que alguns agrotóxicos são persistentes no ambiente, o que significa que eles podem continuar a prejudicar a saúde ambiental por anos ou décadas após seu uso. Desta forma, é importante usar agrotóxicos e aerossóis com moderação e buscar alternativas mais sustentáveis possíveis (LOPES e ALBUQUERQUE, 2018).

No entanto, os autores também argumentam que não devemos ver o Antropoceno apenas como uma ameaça, mas como uma oportunidade para mudar nossos comportamentos e trabalhar para criar um futuro sustentável. Em vez de ver a crise ambiental como algo inevitável, devemos encará-la como uma chance de tomar medidas significativas para preservar a saúde do planeta e garantir um futuro mais seguro para as gerações futuras (VILCHES *et al.*, 2008).

Nesse sentido, ainda de acordo com Vilches *et al.* (2008), a construção de um futuro sustentável enfrenta sérias dificuldades devido à presença de conceitos e comportamentos profundamente arraigados em todas as culturas. Esses desafios precisam ser abordados de forma não simplista e sem julgamentos morais. Os autores enfatizam que o objetivo não é gerar polêmica em relação ao papel da ciência e da modernidade, mas sim direcionar o debate para encontrar soluções práticas e realistas para os desafios da sustentabilidade. Entretanto, a mensagem principal dos autores é a necessidade de uma abordagem colaborativa e construtiva para enfrentar esses desafios (VILCHES *et al.*, 2008).

De acordo com Vilche *et al.* (2008), é necessário adotar ações amplas e abrangentes para enfrentar os desafios da sustentabilidade. Os autores destacam que as ações individuais não precisam se limitar à esfera privada, podendo ser estendidas ao campo profissional e sócio-político. Eles ressaltam a importância de se opor a comportamentos destrutivos ou poluidores e apoiar iniciativas que contribuam para a defesa do meio ambiente. Pois estas, também são formas de uma prática sustentável.

Ainda segundo os autores, a denúncia de casos de poluição e destruição de zonas protegidas por cidadãos e o engajamento de ONGs, partidos políticos, entre outros, são exemplos bem-sucedidos de ações para proteger o meio ambiente. Nesse sentido, as ações individuais podem se somar a esforços coletivos para alcançar mudanças mais significativas e duradouras.

Ao longo dos estudos realizados, tais autores apresentam ainda diversas ações individuais que podem contribuir para uma sustentabilidade mais justa. Estas incluem reduzir o consumo de água e energia, utilizar transporte público, bicicleta ou caminhar, aumentar o consumo de verduras, legumes e frutas e reduzir o consumo de carne, evitar produtos exóticos que exigem transportes dispendiosos, reutilizar tudo o que for possível, separar e reciclar resíduos, entre outras. Além disso, os autores sugerem o uso de tecnologias que respeitem o meio ambiente e as pessoas, como o uso de energias renováveis em casa e sistemas automáticos para reduzir o consumo de recursos. Os autores também destacam o princípio da precaução, que envolve vigiar a composição dos alimentos, produtos de limpeza, roupa, etc., e evitar produtos que não ofereçam garantias (VILCHES *et al.*, 2008).

Como mencionado nos primeiros parágrafos deste capítulo, a discussão em torno do termo "Antropoceno" surge do fato de que apenas alguns são responsáveis pelas implicações ambientais desta era geológica. Embora as grandes corporações e indústrias sejam amplamente culpadas, os resultados também incluem ações humanas, como o consumo de bens e serviços de grandes corporações e indústrias. Retomando a citação trazida logo na introdução deste trabalho, Krenak (2020) enfatiza a conexão entre humanos e natureza, e como a abstração da unidade do homem como medida de todas as coisas levou a uma separação e exploração da natureza sem considerar as consequências.

De acordo com ele, deveríamos reconhecer a natureza como uma multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, já que somos parte de tudo. Ele observa como a abstração da unidade do homem como medida das coisas levou a uma visão do mundo que justifica a exploração da natureza. Isso é feito sem considerar as consequências e sem adotar práticas sustentáveis.

Portanto, a proposta de Krenak (2020) reforça a ideia de que a adoção de práticas sustentáveis é uma necessidade urgente, pois a separação entre humanidade e natureza levou a uma exploração irresponsável e a uma perda das camadas da natureza que são essenciais para a sobrevivência de todos.

Nesse sentido, no capítulo dois, foi mencionado o incentivo ao plantio de Gabirobeiras nos quintais de Ritápolis. Essa iniciativa está alinhada com as práticas sustentáveis propostas pelos autores como Krenak (2020), Vilches *et al.* (2008) e Lopes e Albuquerque (2018), pois ajuda a proteger e conservar essa espécie. Além disso, é importante destacar que os benefícios desses plantios podem se estender a longo prazo, contemplando não apenas os quintais, mas também os jardins públicos de praças e até mesmo o reflorestamento das matas nos arredores da cidade. Dessa forma, essa ação pode contribuir significativamente para a preservação do meio ambiente e para o bem-estar da população e biodiversidade local.

Vale ressaltar os impactos negativos decorrentes da queima das florestas e matas em Ritápolis, destacando os inúmeros prejuízos tanto para a saúde das pessoas quanto para o meio ambiente em geral. As queimadas têm impactos climáticos significativos em cidades como Ritápolis, afetando as florestas de diversas maneiras. Elas causam a destruição da vegetação, a morte ou afugentamento de animais e a liberação de dióxido de carbono na atmosfera, contribuindo para o aquecimento global. Além disso, as queimadas prejudicam a germinação e o crescimento das plantas, o que afeta espécies nativas como a Gabiroba.

A fumaça e o calor resultantes podem levar à morte das plantas ou danificar suas folhas e frutos. As cinzas liberadas pelas queimadas também afetam o solo e a disponibilidade de nutrientes para as plantas. Além disso, as queimadas indiretamente afetam a Gabiroba ao destruir o habitat de animais polinizadores, que são essenciais para sua reprodução.

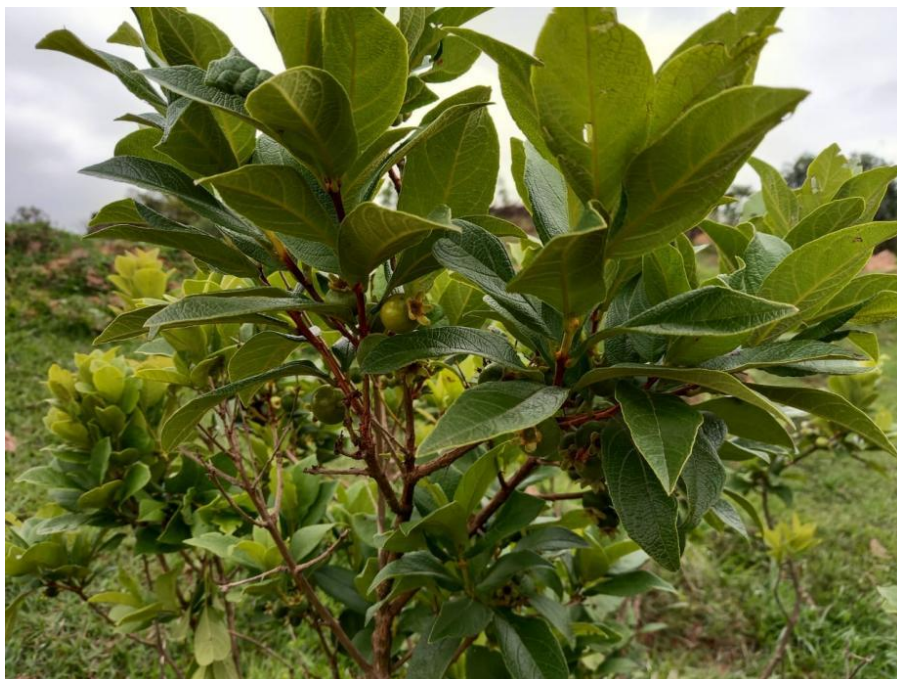
Infelizmente, Ritápolis é frequentemente afetada por queimadas imprudentes, o que tem um impacto direto nas Gabirobeiras. Os registros coletados para esta pesquisa em 2022 já não estão mais disponíveis, restando apenas vestígios das queimadas, como pode ser observado nas evidências apresentadas nas figuras 44 e 45:

Figura 44 – Matas com vestígio de queimadas registrado em 2022



Fonte: Thais Maria Santos, 2022

Figura 45 – Gabirobeira na mata registrado em 2021



Fonte: Thais Maria Santos, 2022

Diante disso, torna-se necessário que a sociedade e os governos adotem medidas para garantir um futuro sustentável para a Terra e seus habitantes. Isso inclui a implementação de políticas e práticas ambientalmente responsáveis, a educação e

conscientização sobre a importância do meio ambiente, bem como a promoção de um consumo consciente.

4.2 Conclusão

A partir da análise realizada sobre emergências climáticas, o conceito de antropoceno, o uso de agrotóxicos, as queimadas e suas consequências em cidades como Ritópolis, conclui-se que a atividade humana exerce um impacto significativo no meio ambiente e no clima. O uso indiscriminado de agrotóxicos e as práticas de queimadas contribuem diretamente para a degradação ambiental e afetam negativamente a saúde humana e o ecossistema como um todo.

Em síntese, fica evidente que a transformação de práticas e a busca por soluções sustentáveis são fundamentais para enfrentar os desafios impostos pelas emergências climáticas e pela degradação ambiental. Somente com o envolvimento e o esforço de governos, empresas, comunidades e indivíduos, aliado à implementação de políticas e regulamentações ambientais efetivas, será possível alcançar um futuro mais equilibrado e harmonioso, no qual a atividade humana coexista de forma sustentável com a natureza.

5 Conclusão Geral

A preservação da Gabirobeira em Ritópolis tornou-se uma preocupação relevante em meio à emergência climática e ao colapso ambiental, devido à sua importância para a biodiversidade e a memória afetiva da comunidade. Como demonstrado nos capítulos desta pesquisa, a degradação ambiental e a ação humana têm impactado negativamente a fauna e flora no Brasil. Em Ritópolis, o desenvolvimento da cidade, incluindo a pavimentação e os loteamentos, tem afetado a presença das espécies de Gabirobeira, tornando ainda mais urgente a adoção de práticas mais sustentáveis, especialmente porque outras matas dentro da cidade já sofreram com queimadas que eliminaram a Gabirobeira.

Apesar do desafiador cenário, é possível vislumbrar um futuro mais otimista por meio da adoção de práticas sustentáveis simples acessíveis a todos. Nesse contexto, foram desenvolvidos o aplicativo Gabiroba Viva e as esculturas de Gabirobeira. O aplicativo fornece informações sobre a importância da Gabirobeira na biodiversidade e na

memória afetiva da região, estimulando o plantio da espécie por meio de um processo simplificado. Essa iniciativa busca conscientizar a população sobre a importância da conservação da Gabirobeira e promover a adoção de práticas mais sustentáveis.

As esculturas de Gabirobeira representam uma forma de comunicar sobre a importância da espécie na cultura popular e na conexão com a natureza. A escolha estratégica de instalá-las nas principais escolas de Ritópolis visa comunicar e envolver os jovens na preservação da biodiversidade e da memória afetiva da região. Ressalta-se que essas iniciativas não são as únicas formas de promover a preservação da Gabirobeira em Ritópolis, mas podem servir como ponto de partida para inspirar outros movimentos e políticas públicas na cidade.

Diante disso, conclui-se que a preservação da Gabirobeira em Ritópolis é uma responsabilidade coletiva que requer a participação ativa da comunidade e o engajamento em práticas mais sustentáveis. As iniciativas do aplicativo Gabiroba Viva e das esculturas de Gabirobeira são exemplos de ações que podem contribuir significativamente para a preservação da espécie e da memória afetiva da comunidade. Portanto, é essencial continuar incentivando e divulgando tais iniciativas, visando construir um futuro mais sustentável e equilibrado para todos.

6 Referências Bibliográficas

BRITO, Alan. **Heterogeneidade Espaço-Temporal do Desmatamento do Cerrado Brasileiro: Estimativas e Cenários de Emissões de Carbono**. Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Ciência do Sistema Terrestre. São José dos Campos: INPE, 2016.

ALCANTARA, L. M. et al. Germinação de sementes de Gabirobeira (*Campomanesia pubescens* (DC.) O. Berg) sob diferentes condições de luminosidade. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 15, n. 1, p. 41-46, 2017.

ARTAXO, Paulo. **As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 53-66, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.005>.

BEINER, Susan. Susan Beiner Biography. Disponível em: <https://www.susanbeiner.com/about>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BORDADO INSPIRA AS “GABIROBINHAS” – UFSJ/Universidade Federal de São João Del Rei, 2010. Disponível em: https://ufsj.edu.br/noticias_1er

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2006. 627 p. il. color. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, v. 2). ISBN 85-7383-373-4.

DAMASIO, Kevin. Brasil já sente impactos das mudanças climáticas e situação pode se agravar. **National Geographic Brasil**, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2020/02/brasil-ja-sente-impactos-das-mudancas-climaticas-e-situacao-pode-se-agravar>. Acesso em: 14 mar. 2023.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. 2001. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>. Acesso em: 14 mar. 2023.

FEUER, Lindsay. Studio. 2022. Disponível em: <https://lindsayfeuer.com/>. Acesso em: 14 mar. 2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) – Disponível em <https://www.ibge.gov.br/brasil/panomara> Cidades <https://www.ibge.gov.br>

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). (2021). Monitoramento de queimadas e incêndios florestais. Recuperado em 21 de outubro de 2022, de http://queimadas.dgi.inpe.br/queimadas/portal-static/estatisticas_pais/

INSTITUTO ESTRADA REAL Ritópolis, 2022, Online. Acessado em 04/2022. Disponível em: <https://institutoestradaareal.com.br/cidades/ritapolis-mg/>

ISSBERNER, Liz-Rejane; LÉNA, Philippe. Antropoceno: os desafios essenciais de um debate científico. **Correio da UNESCO**, v. 36, n. 2, p. 36-39.

- KRENAK, Ailton. **A Vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª Ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte. UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones**. Fondo de Cultura Economica, México, 1983
- LEFÈVBRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LOPEZ, Carla Vanessa Alves; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de. Agrotóxicos e seus impactos na saúde humana e ambiental: uma revisão sistemática. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 117, p. 344-360, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201811706>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- LOVELOCK, James, **A vingança de Gaia: Alerta Final**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020
- MARQUES, Luis. **Capitalismo e Colapso Ambiental**. Campinas: **Editora da Unicamp**, 2016.
- MONÓICA. In: DICIO, Dicionário Aulete online. Disponível em: <https://aulete.com.br/mon%C3%B3ico>. Acesso em: 16 abr. 2023.
- NASCIMENTO, Douglas et al. Ibitutinga: Estações Ferroviárias do Brasil. Ralph Mennucci Giesbrecht, 2020, Estações Ferroviárias. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv_efom/ibitutinga.htm
- REGGIO, Godfrey. Koyaanisqatsi - Uma Vida Fora de Controle, **Documentário Experimental**, 1982. 82min
- REIS, João Bosco dos. Ritópolis – Estado de Minas Gerais. **Cidades do meu Brasil**, 2022. Acesso em 04/2022, Disponível em: <https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/mg/ritapolis>
- RESENDE, Erivelton. **Micropropagação de Campomanesia pubescens (DC.) Berg**. Tese (Doutorado em Agronomia/Fitotecnia, área de concentração Produção Vegetal) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2017
- RESENDE, José Venâncio. Ritópolis, depois da Cassiterita, a procura de rumo para a economia local. **Jornal das Lages**, 2012. Disponível em: <https://www.jornaldaslages.com.br/integra/ritapolis-depois-da-cassiterita-a-procura-de-rumo-para-economia-local/939/>
- RIBEIRO, Helena; JAIME, Patrícia Constante; VENTURA, Deisy. Alimentação e sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 231-246, jan.-abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890016>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- Santos, Anakelly. **Para além das Gabirobas: registro e difusão da história, memória e identidade de Ritópolis**. PIPAUS-UFSJ. São João Del Rei, 2022.

SILVA, Edson Pablo da et al. Caracterização física, química e fisiológica de gabiroba (*Campomanesia pubescens*) durante o desenvolvimento. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 803-809, out.-dez. 2009.

SILVA, Edson Pablo da; VILAS BOAS, Eduardo Valério de Barros; RODRIGUES, Luiz Jorge; SIQUEIRA, Heloisa Helena. Caracterização física, química e fisiológica de Gabiroba (*Campomanesia pubescens*) durante o desenvolvimento. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v. 39, n. 2, e-063, abr.-jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0100-29452017063>. Acesso em: 14 mar. 2023.

VEIGA JUNIOR, V. F.; Pinto, A. C.; Maciel, M. A. M. **Plantas medicinais: cura segura?** *Quim. Nova*, Vol. 28, No. 3, pp. 519-528, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/qn/v28n3/a19v28n3.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

VILCHES, Amparo; PRAIA, João; PÉREZ, Daniel Gil. O antropoceno: entre o risco e a oportunidade. **Relaciones CTSA (Ciencia-Tecnología-Sociedad-Ambiente) / STSE (Science-Technology-Society-Environment) relationships**. Educación para la Sostenibilidad como componente de la Ciencia de la Sostenibilidad. Universidade de Valência, 2008.

XIX ARRAIÁ DOS Gabirobas AGITA RITÁPOLIS. **Jornal primeira página**. Disponível em <https://www.jornalprimeirapagina.com> acesso em 22/07/2022

ZEMELLA, Mafalda P. **Abastecimento da capitania de minas gerais no século xviii**. 1951. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1951.